

**DICIONÁRIO  
SENTIMENTAL  
*de* DIAMANTINO**

© Nicolas Behr  
www.nicolasbehr.com.br

SUGESTÕES, ELOGIOS E CRÍTICAS SÃO BEM-VINDOS:  
paubrasilia@paubrasilia.com.br

Caixa Postal 8666  
CEP 70312-970, Brasília – DF  
(61) 3468-3191

Quem identificar pessoas ou quiser  
completar alguma informação por favor  
entre em contato. Agradeço a colaboração.

CAPA  
Dalva de Barros. *Igreja Matriz de Diamantino.*  
Óleo sobre tela, 2015.

PROJETO GRÁFICO  
Gabriel Menezes & Nicolas Behr



**DICIONÁRIO  
SENTIMENTAL  
*de* DIAMANTINO**

**NICOLAS BEHR**

3ª Edição  
Brasília e Diamantino  
2017

## INTRODUÇÃO

Neste livro misturo memórias pessoais com a história coletiva dessa cidade tão importante na minha vida, como vocês vão ver. Quero aqui registrar fatos que corriam o risco de se perder na noite dos tempos, falar de pessoas, lendas e paisagens que me são caras. É também, sem dúvida, uma forma de agradecer a tudo o que Diamantino me deu: uma infância riquíssima, dezenas de amigos, personagens fascinantes e muitas, muitas lembranças. Enfim, Diamantino é o meu sítio arqueológico psíquico. Este livro cobre um micro-período (1958-1968) contando micro-histórias de uma micro-região: Diamantino antes da soja, vegetal que mudou a paisagem da minha infância para sempre.

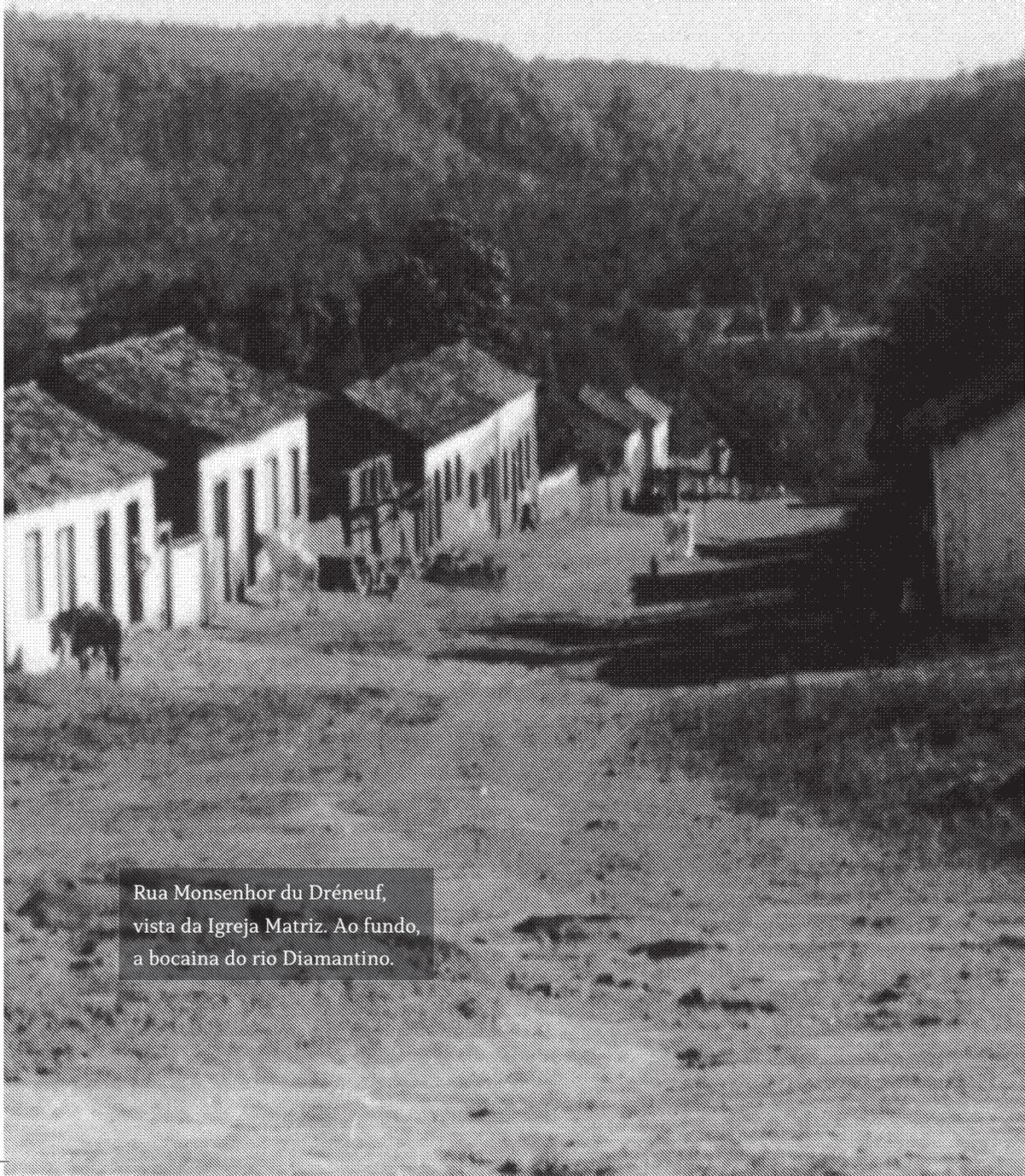
Em 2014 publiquei um livro, *BRASÍLIA-Z*, com 250 verbetes sobre a minha vivência na Capital Federal, onde moro desde 1974. Diante da boa aceitação desse livro resolvi escrever este *Dicionário Sentimental de Diamantino*. É o meu terceiro livro cujo tema é a cidade da qual sou Cidadão Honorário desde 2010. Os outros livros sobre minha infância nestas paragens são de poemas: *Menino Diamantino*, ilustrado pelos meus filhos, de 2003; *A Lenda do Menino Lambari*, com desenhos das crianças da Escola Municipal Castro Alves, do Assentamento Caeté, publicado em 2010. Esses dois livros, entre outros de minha autoria, estão disponíveis para download gratuito no meu site [www.nicolasbehr.com.br](http://www.nicolasbehr.com.br)

Gratidão especial vai para minha mãe Therese von Behr, que fez tantas fotos e me contou muitas das histórias aqui relatadas, verdadeiras sagas pelos então bravios sertões de Mato Grosso. Ao meu pai Anatol (*in memoriam*), por tudo. Aos padres jesuítas que cederam as fotos antigas de Diamantino e me educaram, o meu muito obrigado, de coração. E a todos, diamantinenses ou não, que, de uma forma ou de outra, colaboraram para que este livro acontecesse. O nome deles está listado nas próximas páginas. E se eu me esqueci de alguém, a falha é totalmente minha.

NICOLAS BEHR



NIKI

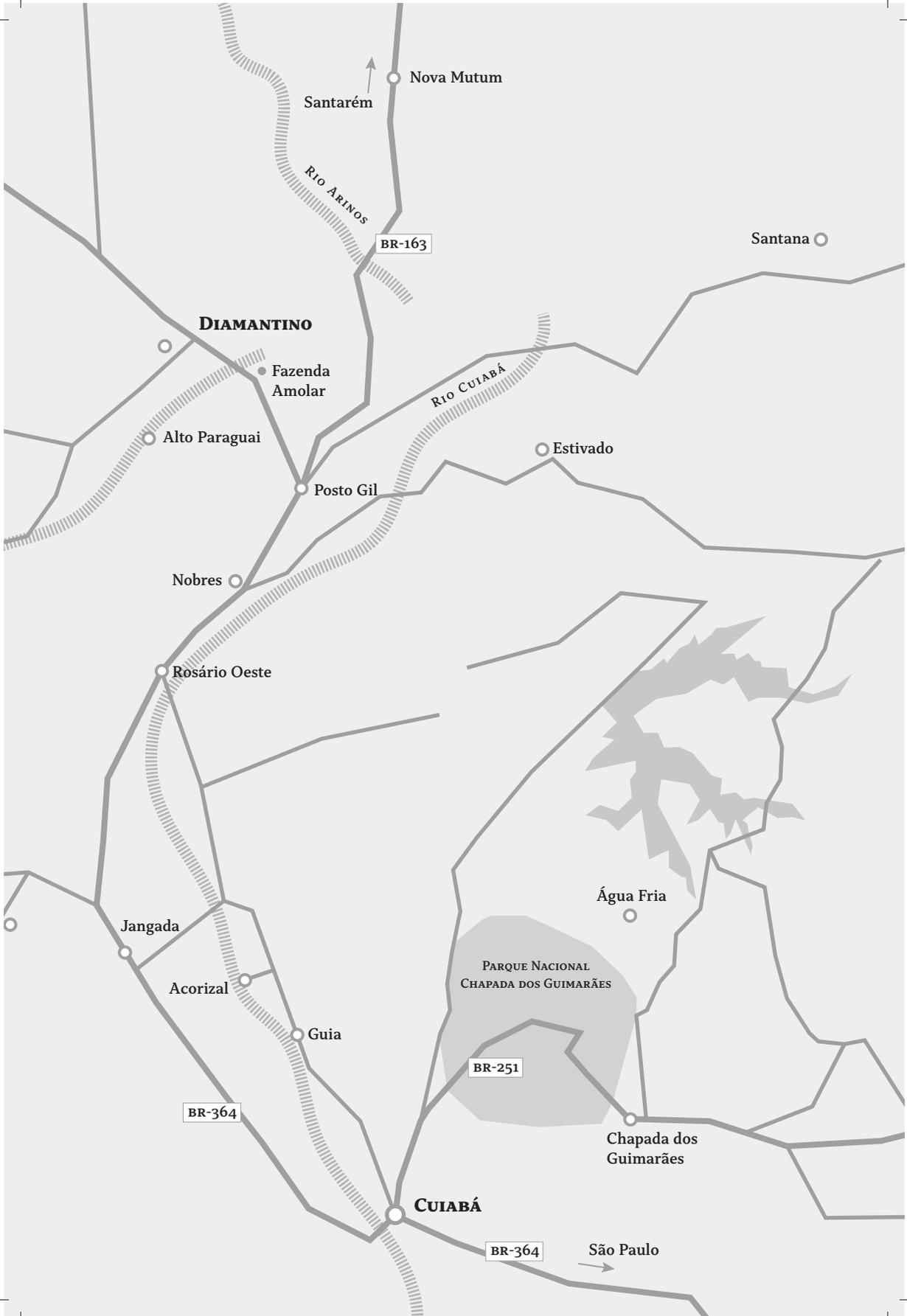


Rua Monsenhor du Dréneuf,  
vista da Igreja Matriz. Ao fundo,  
a bocaina do rio Diamantino.

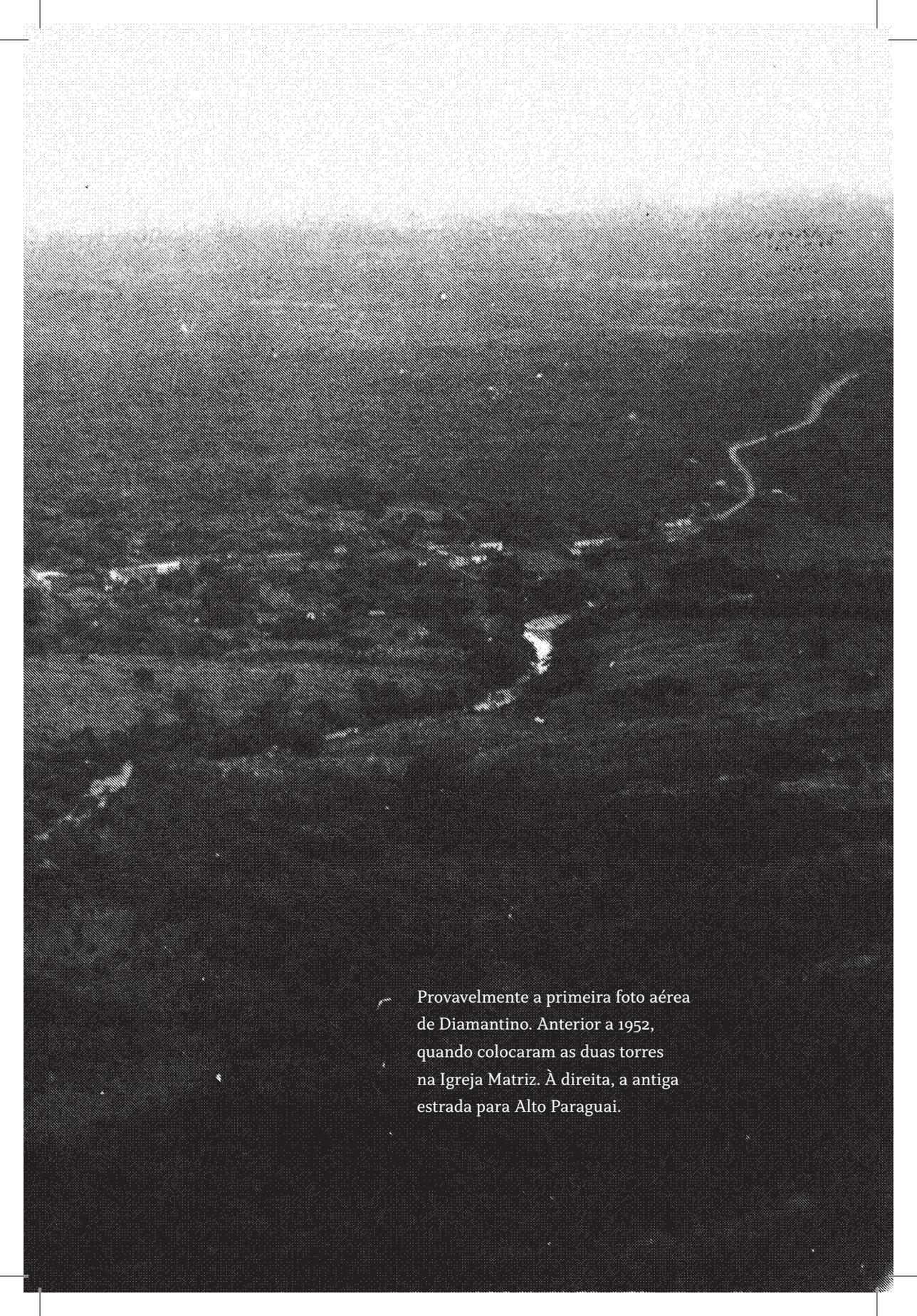
## AGRADECIMENTOS

Adão Agripino dos Santos  
Adélia Maria dos Santos  
Ailton França  
Alcione Modesto Oliveira  
Alexander Estermann (SP)  
Ana Miranda (CE)  
Antônio José Correia  
Antônio Praxedes Capistrano  
Arinê Maria de Souza Neves  
Carmindo Julião de Almeida  
Carlos Augusto Oliveira  
Clarice Almeida Oliveira  
Conceição Mendes França  
Dalva de Barros  
Daria von Thurn und Taxis (Alemanha)  
David William Pivotto  
Dilza Vanni Lima  
Edmilson Eurico das Neves  
Erli Ferreira Gomes  
Euclides Eurico das Neves (*Kid*)  
Eurides Furtado  
Fátima Sonoda  
Francisco Ferreira Mendes Junior  
Genuíno de Almeida Santos (*Gino*)  
Geralda Souza de Siqueira (*Santinha*)  
Gilmar Ferreira Mendes  
Gisela Verspyck (França)  
Gundakar von Liechtenstein (Áustria)  
Györgyi Martha Krancz (SP)  
Irmã Marcina Isabel Garcia da Costa  
Irmã Sarverina Maria Nicolodi  
João Alves da Costa Filho  
João Carlos Barrozo (RJ)  
João Negrão  
João Pereira (*in memoriam*)  
Joel Praxedes Capistrano  
Juviano Lincoln  
Laércio Sanches Guidio  
Lorenzo Falcão (MT)  
Lourdes Sabo Mendes  
Mara Andreyevich  
Mari Maldaner  
Marília Mendes França  
Maurício Capistrano da Silva  
Moacir Ferreira Mendes  
Mylene Wirgues Paese  
Nilvo Pedro Lanza  
Noélia Ribeiro (DF)  
Odete Vieira de Barros  
Padre José de Moura e Silva (*in memoriam*)  
Padre Reinaldo Braga Jr.  
Paulo César de Oliveira (*Paulo da Cabeça*)  
Paulo Eduardo de Siqueira  
Raim Dias de Mesquita  
Ricardo Castanho (DF)  
Rogério Dias (DF)  
Sérgio de Sá (DF)  
Stella Maris Catunda  
Tânia Regina de Siqueira  
Thereza Martha Presotti  
Wilson Falcão  
Wilson Pentecoste dos Santos

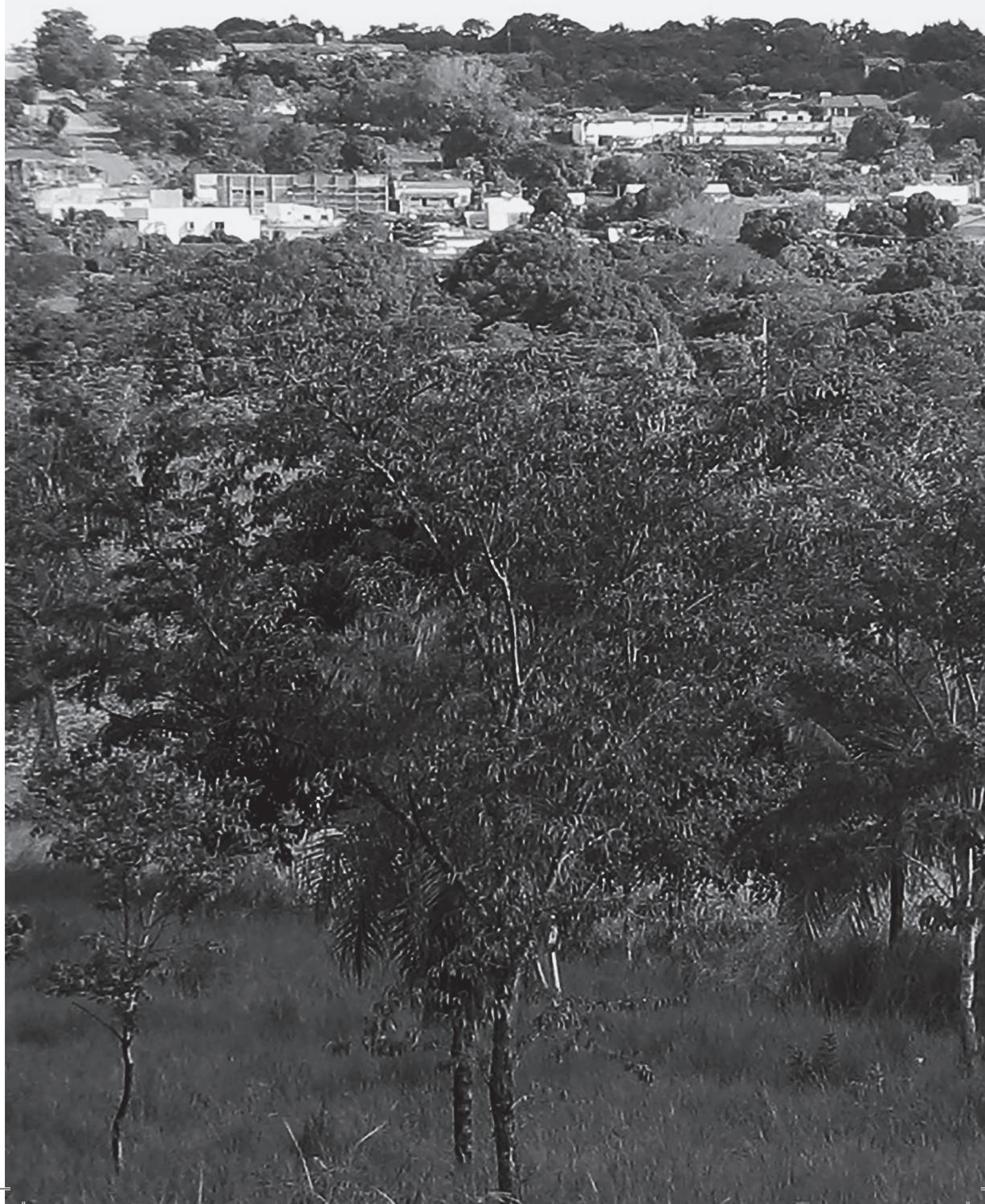


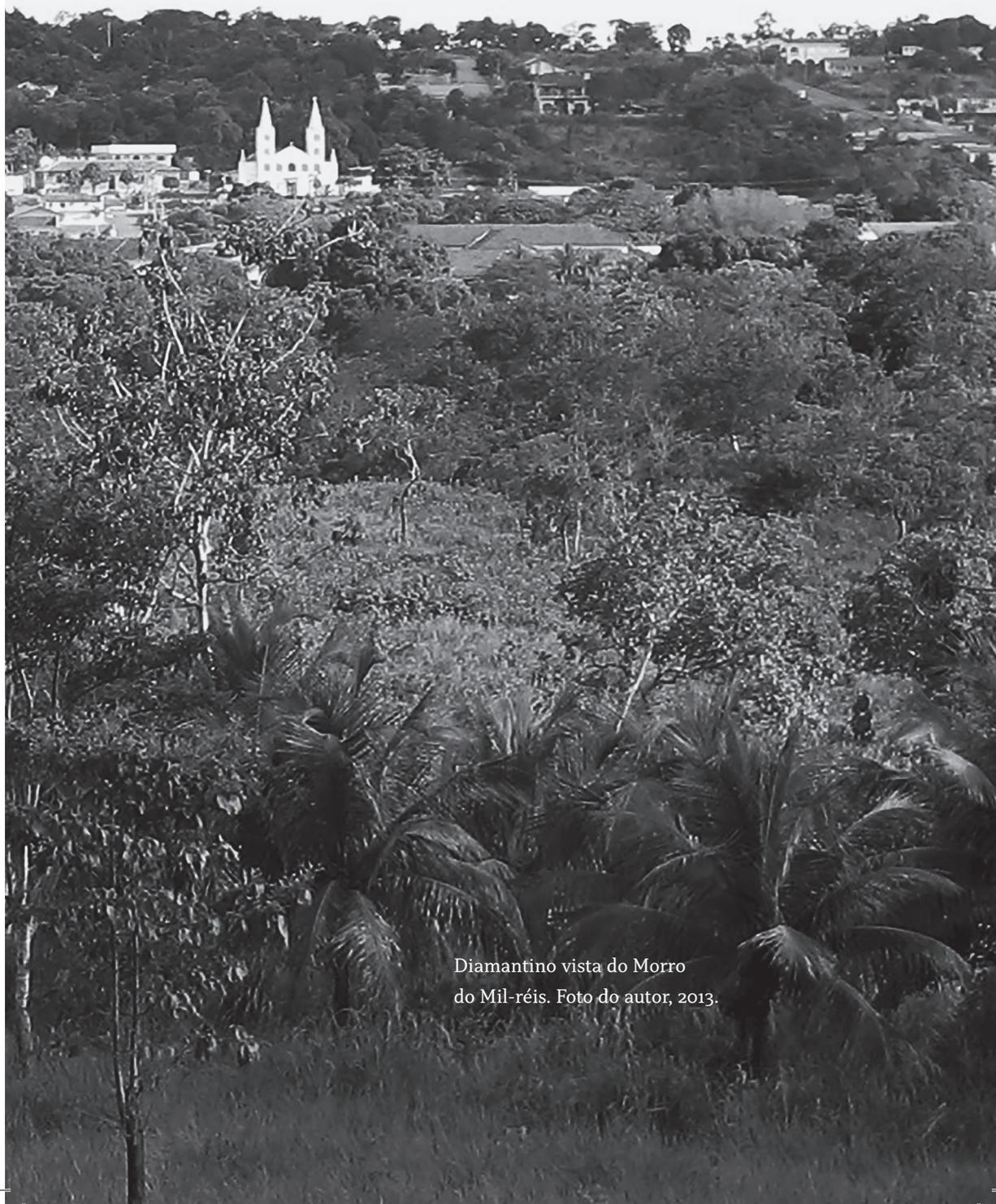




A black and white aerial photograph of a rural landscape. A prominent, winding road or path cuts through the terrain, starting from the right side and curving towards the center. The surrounding area appears to be a mix of fields and forested land. In the lower right quadrant, there is a small, dark structure that the text identifies as the Igreja Matriz. The overall scene is captured from a high angle, providing a wide view of the area.

Provavelmente a primeira foto aérea de Diamantino. Anterior a 1952, quando colocaram as duas torres na Igreja Matriz. À direita, a antiga estrada para Alto Paraguai.





Diamantino vista do Morro  
do Mil-réis. Foto do autor, 2013.

## APRESENTAÇÃO

Desde a minha infância sempre fui fascinado pelo Brasil, de um modo muito especial. Quando eu tinha cerca de 10 anos, abria o mapa mundi e mostrava aos meus amigos na Áustria para onde eu pretendia ir, um dia: o Brasil!

Como tatataraneto de Dom João VI parece que trago o Brasil nos meus gens. Em 1972 fiz a primeira visita a Diamantino, para conhecer a Fazenda São João, que pertencia a meu tio Johannes von Thurn und Taxis. Oito anos depois comprei a Fazenda Sesmaria Aterrado, do Sr. Walter von zur Muehlen, que até hoje é produtiva, com a ajuda de meu amigo Mineiro.

Todos os meus cinco filhos foram registrados como brasileiros no Cartório de Diamantino, sendo assim, também, diamantinenses. Portanto, posso dizer, seguramente, que toda a minha família é diamantinense, o que muito me orgulha.

Por isso, fico não só feliz mas também muito honrado em apoiar a publicação deste Dicionário Sentimental, que descreve a região e a história de Diamantino, ressaltando as qualidades dos seus queridos habitantes.



PRÍNCIPE GUNDAKAR VON UND ZU LIECHTENSTEIN

11 de janeiro de 2017

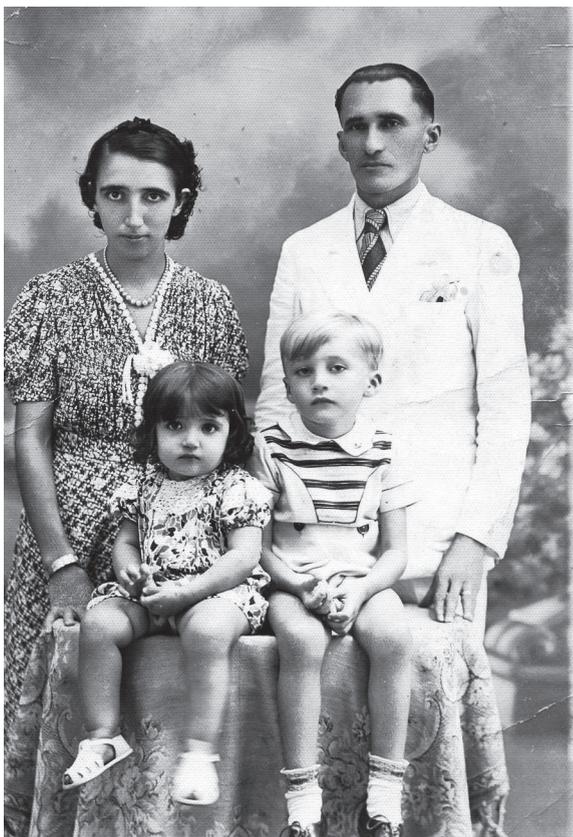


**A**

DOM ALONSO SILVEIRA DE MELLO

**Adão e Eva** O casal era dono de um pequeno hotel (na verdade, uma pensão) em Rosário Oeste, cidade entre Diamantino e Cuiabá, nos meus tempos de criança. Minha mãe dava aulas de inglês no colégio das freiras na cidade e às vezes me levava. Certa vez perguntei ao casal se tinham filhos. Disseram que não. Fiquei a pensar: meu Deus, meu Deus, se Adão e Eva não tiverem filhos, a humanidade não vai existir. Eles precisam ter filhos!

**Adelino Dias da Silva** Diamantinense, autor do livro *Fatos de Diamantino – Coisas do Passado*, infelizmente esgotado, fundamental para conhecer a história, mitos e lendas da cidade. Segundo filho do major Caetano Dias da Silva e de Benedita Josefa Rodrigues Fontes, Adelino nasceu em 1904. Aos 23 anos, foi nomeado professor primário em sua cidade natal. Em 1933 casou-se com Maria Capistrano da Silva, com quem teve oito filhas e um filho. Foi ainda escrivão de polícia e juiz de paz em Diamantino. Funcionário do DNER (atual DNIT) até aposentar-se em 1980. Faleceu em Cuiabá em 2001. O Terminal Rodoviário de Diamantino leva seu nome.



Adelino com a esposa Maria Capistrano da Silva e os filhos Ana Maria e Ademar

**Alan R. Day** Viajante e aventureiro inglês que passou pela Fazenda Amolar em 1964, vindo de algum ponto da costa do Oceano Pacífico em direção ao Atlântico. Quando chegou à fazenda estava muito cansado e doente, com um enorme ferimento no lábio inferior, causado pela leishmaniose. Após descansar, deixou ali seus dois belos cavalos, um para montaria e outro para carregar seus apetrechos, e seguiu para São Paulo em busca de tratamento. Voltou



Partida de Alan Day da Fazenda Amolar, talvez seu último registro em vida.

tempos depois, curado, e seguiu seu caminho. Nunca mais soubemos dele. Que rumo tomou? Sobreviveu aos animais selvagens? Caiu numa grota funda? Não sabemos também se conseguiu publicar o tão sonhado livro tratando da travessia continental, como era seu plano, mas deixou registrado no livro de visitas (*Gästebuch*, em alemão) da fazenda estes dizeres, originalmente em inglês:

“Ser hóspede numa casa baronial, encontrar pessoas amigas que falam inglês, apreciar uma excelente comida caseira é certamente ‘Paraíso Recuperado’<sup>1</sup> depois de dias viajando pelos sertões do Brasil.”

---

<sup>1</sup> Refere-se ao poema de John Milton, autor do clássico “Paraíso Perdido”, publicado na Inglaterra em 1671.

Não fosse a foto e o seu curto depoimento no livro de visitas, muitos duvidariam que pela Fazenda Amolar certo dia passou um aventureiro inglês que intentava ir, a cavalo, digamos, de Valparaíso, no Chile, para Salvador, na Bahia. Não sei porque, mas sempre imaginei que fosse esse seu itinerário.

**Alair Alves Schmidt** Fazendeira e funcionária pública, irmã de dona Nilde Alves, casada com o gaúcho Aluizio José Schmidt (1915-2004), que trabalhava na marcenaria dos jesuítas, pois era irmão do Padre Edgar. Alair sempre foi muito amiga da minha tia-avó, a Baronesa, e de meus pais. Antes de ir para o Lar do Menor morei um bom tempo naquela casa da esquina da Rua da República com a Almirante Batista das Neves. Lembro-me bem do quintal generoso, que vai até o Ribeirão do Ouro, onde ainda tem um imenso pé de seputá, que dá para ver da rua. Na frente da casa havia um toco de aroeira para amarrar os cavalos. Nessa parte da casa funcionava também uma venda de secos e molhados. O Aluizio certa vez nos levou para subir, por dentro, o Ribeirão do Ouro, que naqueles tempos não era poluído, até o Seminário. O casal teve três filhos: Célia Regina, Paulo César e Cláudia Beatriz. Dona Alair trabalhava na então Exatoria, correspondente hoje à Secretaria de Fazenda do Estado. Faleceu em 1984 em circunstâncias até hoje não esclarecidas.



**Arroz de gringo** O arroz que comíamos no Lar do Menor vinha dentro de uma grande embalagem, parecida com saco de cimento, forte e marrom. Ali estavam estampadas duas mãos se cumprimentando – a Aliança para o Progresso – e informando que era uma doação do governo dos Estados Unidos. Tempos depois fui saber que aquele alimento, ainda com um pouco de casca, como se fosse um arroz integral, era uma tentativa do presidente Kennedy de barrar a influência do comunismo na América Latina, reagindo à revolução cubana. Durante o almoço, no Lar do Menor, se alguém não queria comer arroz gritava, a plenos pulmões: “Quem qué arroz de gringo?! Quem qué arroz de gringo?!”. E quem não queria salada anunciava aos berros: “Quem qué mato? Quem qué mato?”. A alimentação no Lar do Menor era boa, mas me lembro que um dia meu irmão Miguel encontrou um prego dentro de um pedaço de carne!

**Alonso Silveira de Mello** (Dom) Gaúcho, nasceu em Cruz Alta em 1901 e foi o primeiro bispo jesuíta do Brasil, exercendo a função em Diamantino de 1955 a 1972. Eu o conheci bem quando criança. Era tranquilo, acessível, bondoso e mesmo sendo bispo andava por toda parte,

principalmente a cavalo. Dom Alonso tinha na sua casa, atual imóvel do Sindicato Rural de Diamantino, uma pequena capela na qual todos os dias pela manhã rezava missa, apenas ele e o coroinha. Todos sonhavam em ser ajudante de missa de Dom Alonso, mas só um interno do Lar do Menor, o Chico (por onde andaré?) sabia rezar missa em latim e assim podia



comer pão de forma com manteiga e mel, que vinham de Cuiabá. A casa do bispo, verdadeiro palacete para os padrões de Diamantino de então, tinha um quintal enorme, que ia até o Ribeirão do Ouro, com um grande pé de tamarindo que, infelizmente, não existe mais. Dom Alonso, muito querido por todos, faleceu na cidade em 1987.

**Amolar** Nome da fazenda na qual passei a infância, hoje conhecida como Fazenda Baronesa, nas margens da BR-364, km 596. Nossa casa fica (sim, ela ainda existe, mas alterada) à esquerda, no sentido Diamantino-Cuiabá, logo depois do ribeirão Amolar, onde tem um belo pé de flamboyant na frente. Ismael Pereira, da Fazenda Tangará, recebeu um caminhão da baronesa Agnete von Engelhardt, tia do meu pai, em troca da Fazenda Amolar, com 5.540 hectares. Lá moramos de 1959 a 1968, quando nos mudamos para Cuiabá. Antes da casa de adobe, vivíamos num grande barracão de palha, perto do qual minha mãe me viu certa vez com um tição de fogo na mão! Local de passagem de aventureiros, pesquisadores, viajantes perdidos e andarilhos. Até um refugiado político boliviano por lá passou. Maltrapilho, sem rumo, fugindo, no início dos anos 60, vítima de um dos muitos golpes de Estado naquele país. Disse que sua família fora toda dizimada. Não tínhamos luz elétrica na casa, nem carro. Foram certamente tempos muito difíceis para meus pais. Mas nós, crianças, só queríamos mesmo saber de brincar, andar a cavalo e pescar. Minha mãe colocava em mim e no meu irmão Miguel, um ano mais velho do que eu, chapéus de pano branco ou vermelho. Vistosos, mamãe nos localizava, de cima do curral, caminhando entre os capins. Certamente demos muito trabalho aos nossos anjos da guarda, que deviam ser vários, sempre se revezando, estafados. Foi realmente um milagre nunca termos sido picados por cobras ou nos



perdido pelo cerrado. Eu e Miguel saíamos pelos campos procurando frutas, como o croá, que era muito abundante na região, um tipo de jaboticaba do cerrado, hoje bastante rara. Andávamos quilômetros, às vezes descalços, em busca dos melhores riachos para pescar lambaris. Hoje, muitos desses córregos estão entupidos de areia e sem a mata ciliar que os protegiam. O nome de um anjo da guarda de carne e osso, que cuidava da gente quando crianças e que hoje mora em Diamantino, é Carmindo Julião de Almeida. Andou comigo novamente por Amolar: “Aqui era o galinheiro, lembra? Ali havia um rego d’água, que vinha lá daquele buritizal! O curral ficava mais em cima. Olha, o pé de abacate ficou! O cascalho da estrada antiga, ainda dá pra ver... seguia por ali, até a ponte, tá vendo?”. Como são fortes os lugares e as coisas. Hora em que a

vista embaça e tudo se mistura: lugares, datas, pessoas, lembranças... Hora de puxar o longo fio da memória que não arrebenta nunca. Emoção que é a matéria-prima da vida. A origem do nome da fazenda se refere certamente às boas pedras de “amolar” que se encontram em seu leito. Aliás, Rondon considerava o ribeirão Amolar a verdadeira nascente do Paraguai, por ser o curso mais ao Norte a formar o grande rio.

**Anatol von Behr** Meu pai nasceu em Tallinn (antiga Reval), capital da Estônia, em 1926, de família alemã ali estabelecida havia séculos. Filho de Nicolas von Behr e Helene, nascida von Stackelberg. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial a família foi repatriada para a Alemanha. Foi soldado e estava em Berlim quando a cidade foi tomada pelos russos, em 1945, sendo ferido gravemente. Após a guerra fez cursos de agricultura e, em 1951, emigrou para o Canadá, trabalhando em minas de níquel. Lá conheceu minha mãe Therese von Behr. Atendendo a um convite da sua tia, a baronesa Agnete von Engelhardt, (ver pági-



na 34) que já estava no Brasil desde 1948, meu pai chegou no país em 1954, casando-se com minha mãe em 1956. Após trabalhar em São Paulo, morou em Ceres, Goiás, onde conheceu Bernardo Sayão. Passou por Uberaba e lá nasceu meu irmão mais velho Miguel. Chegou em Diamantino em 1958, sendo o primeiro administrador da Fazenda São João. Logo depois, instalou-se na Fazenda Amolar. Saímos da fazenda em 1968. Na capital Cuiabá foi professor de literatura inglesa e norte-americana na recém-criada Universidade Federal de Mato Grosso. No ano de 1974, chegou com a família em Brasília, atuando inicialmente nas áreas de turismo e tradução. Trabalhou por 22 anos na Rádio Nacional, sendo o responsável pela transmissão do programa em alemão da referida emissora. Aposentou-se em 2004. Alto e comunicativo, com um saber enciclopédico, faleceu no dia 31 de janeiro de 2016.

**Antônia** Moça que foi deixada pelos pais na Fazenda Amolar para que minha mãe lhe ensinasse algumas pren-



Da esquerda para a direita: Therese, Miguel, Nicolas, Anatol (*in memoriam*) e Antônia.

das domésticas. Certa vez, Antônia foi pescar num riacho perto dali e sentiu que pisava num tronco que se mexia. Logo percebeu que o tronco era uma enorme sucuri. Chegou assustadíssima na casa da fazenda, esbaforida. Outra história, porém triste. Tempos depois, o irmão de Antônia foi até à fazenda procurando madeira. Minha mãe perguntou: “Pra que você quer essas tábuas?” E ele: “É pra fazer o caixão da Antônia. Ela se matou ontem”. Os pais dela eram contra o namoro da moça com um vaqueiro da fazenda. O irmão disse a mamãe que ela tomou veneno de formiga, mas acredito que Antônia tenha se enforcado num pedaço de pano ou numa corda, mais disponíveis que veneno naqueles rincões sertanejos esquecidos por Deus. Tantos dramas, tantas vidas.

**Apogeu e declínio** A história de Diamantino é como uma gangorra, que sobe e desce, sobe e desce. Primeiro, veio a mineração de ouro e diamante: apogeu. Aí, um longo declínio. Apogeu novamente com a exploração da borracha, na passagem do século XIX para o XX, e, aí, um rápido declínio. Houve um aumento da atividade econômica durante a Segunda Guerra Mundial com a exploração da borracha, pois os japoneses dominavam as áreas de produção no Sudeste Asiático. Com o final da Guerra, novo declínio. A partir dos anos 1970 novamente apogeu, com a exploração agrícola, momento que estamos vivendo. E o que virá depois? Tudo vai depender do nosso bom senso! Devemos nos preocupar não só com a produção de alimentos, mas também com a proteção integral ao meio ambiente. A atual prosperidade de Diamantino está baseada no uso do solo. E não custa lembrar algo muito simples e óbvio: sem solo fértil não tem agricultura, não tem futuro, não tem país!

**Areião** Era o lugar na Fazenda Amolar onde brincávamos dentro das voçorocas, aquelas enormes erosões, ao lado da rodovia. Fazíamos buracos na terra arenosa e fofa, correndo o risco de algumas desabarem sobre nossas cabeças. Algumas desabaram sim, sem maiores consequências. Caso contrário, não estaria aqui escrevendo estas linhas. Na foto abaixo, os meus primeiros passos no areião, em 1959.



**Asilo São Roque** No meu tempo de criança em Diamantino, o Asilo não era esse lugar bem cuidado que é hoje, chamado Lar São Roque, até hoje sob responsabilidade das freiras da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição. Era uma simples casinha, muito velha, muito feia (mas bela na sua feiúra), com os doentes mentais sempre sentados na porta. Eu passava por ali com muito medo. Certa vez, uma das loucas, baixinha e negra - de nome Gardina - fugiu. Foram encontrá-la dias depois. Aliás, quem a encontrou primeiro foram os urubus, pois ela tinha

fugido em direção à Fazenda São João. Provavelmente se perdeu no cerrado e morreu de fome ou foi atacada por algum animal, já lá pras bandas do rio Preto. Essa história muito me impressionou na época. Ainda me impressiona.



Irmã Dásia, Maria da Costa, Maria Conceição, Leontina, Nhá Maria, Antonia (Pepé) e Nha Maria Ribeiro (benzedeira).



Paulo Mudo, Otiliano, Sebastião Corcundinha e Bodega.



**Atoleiros** Ali onde passa o riacho Mata Grande, o primeiro depois de Novo Diamantino, em direção a Cuiabá, havia um atoleiro terrível, às vezes intransponível. Os caminhões que vinham do Norte tinham que entrar em Diamantino, passar por Alto Paraguai, subir a serra e sair mais na frente, no Guricha, já perto do Ribeirão Caeté, imaginem. Davam uma volta enorme. Lembro-me da notícia, que ouvi quando criança: um motorista de caminhão, que ia para Rondônia, se suicidou após perder toda a sua carga de alimentos perecíveis, num atoleiro logo depois de Novo Diamantino (que nem existia nessa época), ali onde hoje fica o Sete Placas.



Como é bom, hoje, trafegar por estradas asfaltadas. Não nos esqueçamos de homenagear os pioneiros que abriram os primeiros caminhos. Na foto acima, as “baleias” encalhadas.





**B**

BARONESA AGNETE VON ENGELHARDT





**Bamburrar** Diamantino e Alto Paraguai foram durante muito tempo região de garimpo, primeiro de ouro e depois, já mais recente, de diamante. Por isso muitas histórias de garimpeiros fazem parte do folclore local. A origem do nome bamburrar vem de “lavar a égua”, ou melhor, “lavar o burro”. Encontrando um bom diamante, o garimpeiro comprava todo o estoque de sabonete da cidade e, literalmente, “lavava” o burro, daí o termo. Existem relatos de garimpeiros que davam para sua mula, burro ou cavalo, caixas de maçã, banhos de cerveja ou ainda passavam litros de perfume em todo o animal. Era uma forma de o garimpeiro recompensar o pobre animal que puxava a carroça com o cascalho do garimpo. Pela lógica (na verdade, não tem lógica) do garimpeiro, ele não pode guardar bens materiais, não pode acumular riquezas. Dinheiro ganho com garimpo deve ser todo gasto. Se não gastar, não acha mais diamante. Acabando o dinheiro, volta à velha lida de sempre.

**Bananal** Roça dos padres que ficava atrás do Cemitério. Logo depois ficava o antigo aeroporto de Diamantino, onde hoje está o bairro de São Benedito. Nós, internos do Lar do Menor, íamos lá à tarde, duas ou três vezes por semana, para carpir o bananal no meio das pedras. Certa vez, eu e o meu amigo índio, o Inácio, da tribo Irantxe, abrimos um buraco no chão, tampamos com folhas e escondemos ali um belo cacho de banana que comemos num domingo à tarde, só nós dois. Quase passamos mal de tanto comer banana.

**Baronesa** (ou Baroneza, as duas grafias estão certas) Agnete von Engelhardt, conhecida na família como “Tante Spatz” (Tia Pardal), nasceu na Estônia, nos Países Bálticos, em 1906. Casou-se com o barão Erich von En-

gelhardt, que morreu durante a Segunda Guerra Mundial. A Baronesa era irmã do meu avô Nicolas, portanto tia do meu pai Anatol. Ainda numa Berlim arrasada pela guerra, visitou quatro consulados: Canadá, África do Sul, Brasil e Austrália. Disse a si mesma: iria para o primeiro que lhe concedesse um visto de entrada. Chegou ao país em 1948, estabelecendo-se em São Paulo, logo se entrosando na alta sociedade paulista. A baronesa era referência para quem quisesse comprar terras em Mato Grosso, principalmente para estrangeiros, pois era fluente em cinco idiomas. Dizia que intermediou a venda de 1 milhão de hectares. Não duvido. Foi por meio dela que o prínci-



pe alemão Johannes von Thurn und Taxis adquiriu a Fazenda São João, da qual meu pai foi o primeiro administrador. Em 1959 ela comprou a Fazenda Amolar. Lá construiu um enorme casarão, no qual nunca morou. Sonhava ali reviver os velhos tempos da Europa antes da guerra, pois sua família, de barões, sempre viveu em grandes residências. Mas a Constituição de 1967 criou restrições para a venda de terras a estrangeiros em faixa de fronteira, frustrando seus sonhos. Por isso, ela teve que parar a obra da enorme e caríssima mansão e vender a fazenda. E nós nos mudamos para Cuiabá. Hoje, os dizeres “Fazenda Baronesa” são um marco para quem passa pela BR-364. Lembro-me bem da “Tante Spatz” em Amolar. Uma mulher alta, com roupas finas, perfumadas, sempre muito elegante, falando português com sotaque bem carregado e usando uma bela bengala, não pela idade, mas pelo charme. Faleceu em São Paulo em 1987.

**Benedito Eurico das Neves** Fazendeiro progressista, nascido em 1911, proprietário da Fazenda Pedra Branca. A origem do nome se refere a uma pedra de diamante que Benedito encontrou no garimpo do Rola, em Alto Paraguai, de 80 quilates. Com alto valor de mercado, ela foi comercializada no Rio de Janeiro. Para ir contra aquela ideia geral de que garimpeiro não prospera, que dinheiro de diamante é maldito, taí o exemplo do Benedito das Neves para ser a famosa exceção à regra. Ele foi certamente um fazendeiro à frente do seu tempo. Introduziu na região novas espécies vegetais, como o coco da bahia, as laranjeiras enxertadas, a irrigação por gotejamento e as chocadeiras (movidas a gás!). O nome da fazenda nos remete também ao seu túmulo, pintado de branco, e que pode ser visto claramente por meio do Google Earth. Uma “pedra branca” na imensidão do cerrado. Foi casado com

Damiana Ferreira das Neves, e teve nove filhos: Juracy, Joary, Salvador (*in memoriam*), Benedito Filho, Maria Inês (*in memoriam*), Maria Madalena, José Adelson e Euclides (Kid). Faleceu em 1984. Lembro-me de ter ido à fazenda quando criança. Ao retornar, adulto, me perguntei: será que ainda existem aqueles pés de coco da bahia? Sim, estavam lá. Memória de criança não falha.



Benedito das Neves com os filhos Euclides (Kid) e José Adelson, orgulhoso do seu pé de coco ano. Natal de 1967.

**Bolo de arroz** Mais uma preciosidade da rica culinária de Diamantino. Donas Odete e Clarice compartilham conosco a receita, mas avisam que cada uma tem o seu “estilo”. Basicamente é assim que se prepara: coloca-se o arroz, cru, na água de um dia para o outro. Lava-se então o arroz e soca no pilão, para fazer o fubá. Depois é preciso coar o arroz numa peneira fina, socá-lo de novo até virar um pó. Adiciona-se farinha de mandioca para dar a “liga” e firmeza ao bolo. Na sequência acrescenta-se leite, ferve-se e tempera-se com erva-doce. Coloca-se na forminha e no forno. Pronto! Na verdade, acredito que deve ser muito mais complexo do que isso.

**Botânico argentino** Em 1963, um jovem estudante de botânica argentino, Pedro Félix Ravenua, passou pela Fazenda Amolar procurando uma planta. A flor que encontrou foi um tipo de irís ou lírio. Seu relato no livro de visitas diz:

Amolar 18 de junho de 1963

Cheguei aqui a esta tranquila e próspera fazenda em busca de flores (Iridáceas) e encontrei também momentos de paz e tranquilidade. Aos meus novos amigos, a quem agradeço sentidamente a hospitalidade e o calor com o qual me brindaram.

Pedro Félix Ravenua (Estudante de botânica)  
Buenos Aires, Argentina



Años 18 de Junio de 1963  
Llegué aquí, a ésta tranquila y próspera  
"fazenda" en busca de flores (Goidáreas) y encon-  
tré también momentos de paz y tranquilidad.  
A mis nuevos amigos, a quien agradezco senti-  
damente la hospitalidad y el calor que me brin-  
daron!...  
Pedro Félix Ravenus  
(Estudiante botánico)  
Buenos Aires, Argentina





**C**

CONCEIÇÃO MENDES FRANÇA

**Cabeça de boi** Tradicional é quando algo passa de geração em geração, transformando-se num costume. É o caso de comer cabeça de boi em Diamantino. Um método, bem primitivo, do tempo neolítico, mas eficiente, é simplesmente fazer um buraco no chão e por brasa no fundo. Coloca-se a cabeça (sem pele) dentro de uma lata de 18 litros, tampa-se tudo com um placa de metal e aí basta por fogo em cima, de um dia para o outro. Um método já um pouco mais, digamos, “sofisticado” é o da cabeça-de-boi-ao-forno, assim preparada, segundo o Paulo César Almeida de Oliveira, o popular “Paulo da Cabeça”, mecânico da Prefeitura e certamente o maior entendido no assunto em Diamantino. Aquecer bem o forno, com duas horas de fogo. Tirar toda a brasa, lavar a cabeça, retirar a pele, envolvê-la em alumínio e deixar tudo no forno das 18 às 6 horas. A

carne da cabeça, por ser muito forte, deve ser consumida no domingo de manhã. Isso já é tradição em Diamantino. Descartam-se algumas partes, como um tipo de “casquão” embaixo da língua. Apenas com um garfo e uma faca a cabeça é limpa, aproveitando-se tudo: olhos, miolo, a língua (ah, a língua...) e a carne das bochechas. Vários tipos de molhos, preparados por dona Clarice, mãe do Paulo, apimentados ou não, acompanham esta verdadeira iguaria de tempos imemoriais que sobrevive em Diamantino!



**Calçamento** Nas fotos antigas de Diamantino se pode ver claramente o calçamento original, que, nos diziam, foi feito por escravos. Note como são pedaços enormes de pedra bem lisa, formando um leve “v” na rua, para que a água da chuva escorresse pelo meio. Já os paralelepípedos das atuais ruas de Diamantino são feitos a partir de uma rocha chamada *arenito arcoseano* e ela é assim vermelha pelo alto teor de feldspato que contém. Quando assistia às aulas no Grupo Escolar Major Caetano Dias ouvia, de vez em quando, fortes explosões, com a retirada de pedras para abertura de ruas e também para produção de paralelepípedos. Vi certa vez uma pedra enorme coberta de couros de boi, costurados, para impedir que os pedaços voassem pelos ares. Hoje cobrem-se as pedras com pneus amarrados. Um craque em cortar essas pedras é o Jaboti, cujo nome verdadeiro é Osvaldo Leite de Araujo. Na foto, o nosso alegre e popular Jaboti em ação. Segundo ele, o segredo para “cortar” a pedra é achar a “corrida”, que são linhas brancas, verdadeiros veios, visíveis a olho nu, pois essa pedra é uma rocha sedimentar, um arenito. Inclusive, o Jaboti cortou duas colunas de pedras, que enfeitam o jardim da minha casa em Brasília.



**Caninana** Também conhecida como cobra-tigre (*Spilotes pullatus*), chega a 4 m de comprimento, sendo bastante ágil e até agressiva, mas não é venenosa. Quando criança me diziam que essa cobra mordia a ponta do próprio rabo e assim virava tipo uma roda de bicicleta e alcançava a gente. Nunca fui atacado por uma caninana, mas se fosse entraria no meio do mato. Queria ver a cobra-roda girar no meio do capim... Repito: a caninana não é uma cobra venenosa! É utilíssima, pois se alimenta de outras pequenas cobras, essas sim peçonhentas!

**Capelinha** Certa vez minha mãe soube que os pedreiros da Fazenda São João estavam parados por falta de material. Em apenas três dias (segundo ela, um milagre!) construíram a Capelinha, dedicada a São José, padroeiro



da nossa família. Localizada em cima de um morro, um ponto branco que se via claramente por quem vinha do Posto Gil para Diamantino, depois do Ribeirão Amolar, à esquerda. De vez em quando, um padre jesuíta de Diamantino ali celebrava missas, realizava casamentos e batizados. Com a nossa saída da Fazenda Amolar, em 1968, a capelinha ficou em ruínas, desabou e finalmente desapareceu.

**Capelo** Traçado de folhas novas de babaçu que se faz na parte superior de uma casa coberta com as folhas dessa palmeira. É a última parte do “teto”. Minha mãe, sempre hábil em atividades manuais, aprendeu a fazer o capelo, como mostra a foto abaixo, com Miguel observando e o bom e fiel Expedito, à direita, ajudando.



**Casa Memorial dos Viajantes** Simbolicamente na frente dessa casa de cultura estão plantados seis pés da típica palmeira bocaiúva de Diamantino, mudas doadas por Eurídes Furtado e plantadas por mim. Inaugurada em 2007, durante a administração do prefeito Chico Mendes, a Casa Memorial dos Viajantes visa o resgate histórico das expedições exploradoras que passaram pela nossa cidade nos últimos dois séculos, daí o nome, sugerido por este escriba. Funciona ao lado da Igreja Matriz, na antiga Casa Canônica, construída pelos padres jesuítas em 1933. Destaque para a Expedição Langsdorff, que retratou Diamantino em 1828. Em 1907, Candido Mariano da Silva Rondon instalou em Diamantino uma estação telegráfica, a primeira sede da Comissão Rondon no estado. Já em 1914, o ex-presidente dos Estados Unidos Theodor Roosevelt passou pelo município de Diamantino juntamente com o futuro Marechal Rondon, em viagem exploratória. No Casa Memorial dos Viajantes você vai encontrar relatos dessas expedições, em diários, fotografias, relatórios e ilustrações, reforçando assim a rica história de Diamantino, uma das mais antigas cidades de Mato Grosso, juntamente com Cuiabá e Vila Bela da Santíssima Trindade. Ajudei a desenhar a distribuição das salas e produzi muitos dos cartazes e textos ali expostos. Sugiro a todos que visitem a Casa Memorial dos Viajantes com seus familiares e amigos. É muito mais que um simples museu, é a casa da memória do diamantinense.

**Cemitério** Perto da nossa casa na Fazenda Amolar, em direção ao Posto Gil, na subida, nas proximidades daquela pequena serra, à direita, havia um cemitério, muito simples, usado pelas pessoas da região. Sem cerca, sem placas, sem flores. No Dia de Finados, quando criança, eu ia lá com os sertanejos, que rezavam, repetindo frases

ininteligíveis em latim. Lembro-me bem dos tocos de vela, derretidos, sobre as pedras. E de algumas cruzeiras de madeira, amarradas com arame, bem toscas. Voltei lá várias vezes e não consegui encontrar nem velas, nem cruzeiras, nem nada. Tudo consumido pelo fogo que passa por ali praticamente todos os anos. O que o fogo não consumiu, o tempo deu um jeito de apagar.

**Cerrado sem nós** Certa vez, já adulto, andando pela Fazenda Amolar, imaginei que, de um momento para outro, assim, num piscar de olhos, a raça humana desaparecesse sobre a face da Terra. O que aconteceria com o cerrado? Os grandes cultivos de grãos fornecerão algum alimento para uma infinidade de animais silvestres, certamente, mas por um curto tempo. Muitas sementes destas plantas introduzidas, como a soja, por exemplo, ainda proporcionariam novas mudas para algumas safras, mas, aos poucos, iriam sendo suplantadas por espécies nativas, principalmente gramíneas. Sem o uso de agrotóxicos, os insetos e fungos voltariam a atacar grandes áreas agrícolas, fonte de alimento farto. O equilíbrio ecológico seria restabelecido. Incêndios espontâneos no cerrado agilizariam o processo de queima e destruição de cercas e arames, permitindo livre trânsito para todos os animais, principalmente mamíferos e aves de grande porte. Uma pequena parte da população de bovinos, suínos e equinos sobreviveria, tornando-se selvagem. A maioria seria atacada por animais carnívoros, como onças, isso se elas já não estiverem extintas até esse dia. As estradas de terra aos poucos desapareceriam, colonizadas por árvores e capins. Já nas vias asfaltadas, o processo de deterioração seria mais lento. Com o tempo se abririam no asfalto pequenas frestas, rachaduras, onde nasceriam plantas de diferentes espécies, cujas raízes levantariam

a capa de asfalto. O maquinário agrícola aos poucos se deterioraria, mas as carcaças de ferro ainda seriam visíveis por séculos e séculos. Os depósitos de agrotóxicos com o tempo vazariam para o solo, sendo absorvidos lentamente durante centenas de anos. As barragens seriam rompidas naturalmente, voltando os rios aos seus leitos originais. Lentamente, também, a areia acumulada nos rios, fruto da erosão, seria levada pelas águas. As matas ciliares se recomporiam. As cidades-fantasma aos poucos ruiriam, com animais silvestres e plantas invasoras tomando conta de casas e ruas. Lobos guarás, emas, onças, antas, tamanduás andando livremente pelas praças, que se rearborizariam naturalmente. Aos poucos o ecossistema do cerrado, e outros biomas do mundo, voltariam a ser o que eram antes do aparecimento dos humanos no planeta Terra.

**Cágado de Ouro** Interessantíssima lenda de um cágado (atenção! jaboti é do seco, tartaruga é do mar e cágado é de água doce, certo?) de ouro que aparecia ocasionalmente perto do chamado Poção do Pary, no rio Diamantino, uns 100 m acima da confluência com o Ribeirão do Ouro. Diz a lenda que logo acima do poção havia uma grande pedra onde as mulheres iam lavar roupa. Muitas viam o cágado de ouro em cima das pedras. Como o casco do cágado reluzia ao sol, o seu brilho, dourado, induzia as lavadeiras pensar que fosse de ouro. Mas digamos que era de ouro mesmo, oras. Não vamos estragar a lenda!

**Chico Mendes** Veterinário formado pela Universidade Federal de Viçosa e empresário diamantinense, nascido em 1967, filho de Francisco Ferreira Mendes e Dona Nilde Alves, sendo o caçula do casal. Francisco Ferreira Mendes Junior ou Chico Mendes, como é conhecido, foi

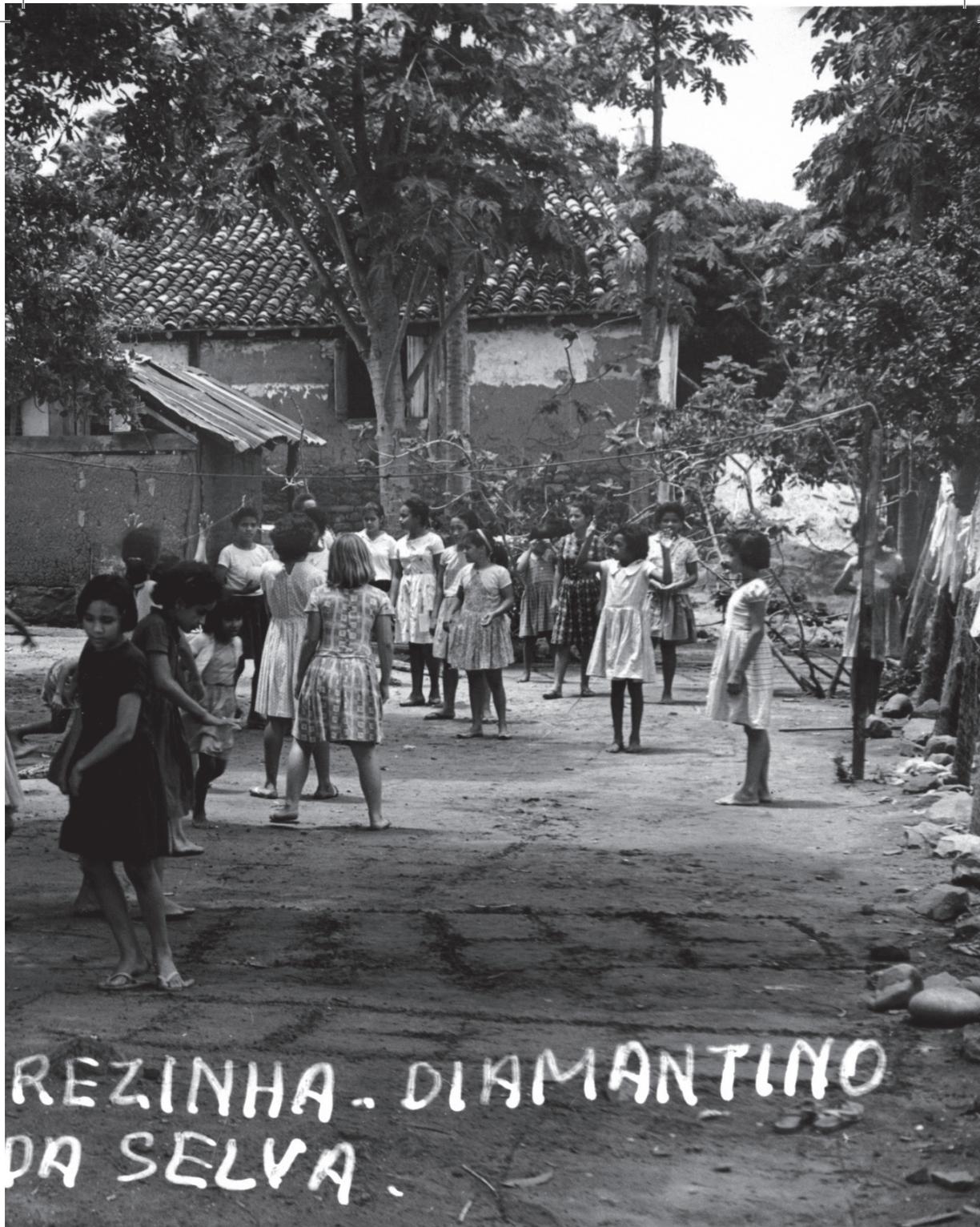
prefeito de Diamantino por duas vezes, entre 2001- 2004 e 2005-2008. Deu grande impulso ao desenvolvimento do município e se preocupou com a preservação histórica, inaugurando, em 2007 o Casa Memorial dos Viajantes. Casado com a mineira Jaqueline Aparecida Carlos, tem dois filhos: Paula e Francisco Neto. Dedicar-se atualmente a sua atividade profissional de produtor rural.

**Cinema** As luzes dos faróis dos carros que passavam à noite em frente à casa da Fazenda Amolar, bem próxima à rodovia, iluminavam o meu quarto e do meu irmão Miguel. Quando as luzes passeavam pelas paredes dizíamos: Olha, olha! Cinema! Cinema! Momentos mágicos! Cinema feito de luz nas paredes brancas, por onde passavam todos os dramas da vida!

**Cometa Ikeya Seki** Em 1965, podia ser visto em grande parte do Brasil Central, principalmente Diamantino e região, o astro celeste que levou esse nome. Minha mãe deve ter ouvido sobre a passagem do cometa no rádio, pois onde morávamos não tinha energia elétrica. Descoberto pelos astrônomos japoneses Kaoru Ikeya e Tsutomu Seki, foi considerado um dos mais brilhantes cometas de todos os tempos. No livro *Menino Diamantino* há um poema, dos meus preferidos, relatando sua passagem pela fazenda e pela minha vida: *Cometa Poesia*

era uma noite qualquer de julho de 1965 / mamãe nos  
acordou de madrugada / para vermos os cometa ikeia-  
seki / (ela sabia que nós nunca o esqueceríamos) /  
o cometa seguiu seu curso / nós voltamos pra cama /  
caixeiro-viajante do céu / o cometa aparece e desaparece /  
o cometa volta / a infância não





Fundos do Hotel Kayabi, anos 1950.

**Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição** As freiras chegaram em Diamantino no dia 21 de abril de 1934, logo após os padres jesuítas. Como não havia médicos, enfermeiras, postos de saúde ou hospitais na região, as religiosas logo assumiram esses papéis, como podiam, enfrentando todo tipo de dificuldades. Verdadeiras heroínas! Foram também fundamentais no desenvolvimento educacional do município, dando aulas e dirigindo escolas. Até hoje as irmãs estão presentes no dia-a-dia do município, dirigindo o Asilo São Roque. Diamantino deve muito a elas!

**Coró** Nome que dávamos às larvas do inseto *Pachymerus nucleorum*, que crescem dentro dos frutos de várias espécies de palmeiras. É também conhecido como gongo. Quando criança, em Diamantino, íamos com os padres, nos domingos e feriados, em excursão para as nascentes do rio Paraguai. Chegando lá, montávamos acampamento e cozinhávamos arroz com linguiça. Eu esperava todo mundo se servir pois gostava daquele fundo queimado, o arroz já meio carbonizado, que comia em lascas. Enquanto uns iam pescar, a minha turma procurava o tal coró, abrindo os cocos de babaçu com a lâmina do machado entre os pés, batendo firme no fruto com um porrete. O interessante é que ao chegar num pé de babaçu já tínhamos uma ideia de quais eram os frutos com maior probabilidade de ter a deliciosa larva dentro. Observando a casca nós “calculávamos” a idade do fruto que estava caído no chão. Aí entra em ação a poderosa intuição infantil: fruto não muito novo, nem muito velho, pois a larva vira um besouro. Se o fruto estiver furado, já era. O besouro bateu asas e voou. “Se tiver coró é meu! Se tiver coró é meu!”. Ainda ressoa na minha memória o grito no meio da mata, anunciando que eu preferia a larva às preciosas “balas” de babaçu. Come-se assim: coloca-se o

coró na palma da mão, assopra o bicho (para tirar o pó que produz, na verdade suas fezes) e segura-se na cabecinha preta (a “boca” da larva) e, aí, é se deliciar! Para quem não quer ingerir a pequena larva viva, ela também pode ser apreciada levemente tostada num fino espeto, em fogo brando, com farinha. Ou frita na manteiga. O coró é um delicioso concentrado de coco, dos mais nutritivos que existem. Que guloseima saborosíssima! Conteí esse fato para Alcina, minha esposa, logo quando nos casamos e ela ficou sem me beijar na boca por uns dias. Mas logo depois esqueceu. Ainda bem.

**Coroinha** Auxiliar do padre nas funções litúrgicas durante a missa e procissões. Muitos eram selecionados do coro das igrejas, daí o nome. Nos meus tempos de Lar do Menor em Diamantino íamos à missa todos os dias, de domingo a domingo. Por muitos anos fui coroinha na Igreja Matriz, onde os meninos se revezavam e podiam ter o privilégio de trabalhar na cozinha dos padres, na casa paroquial, atual Casa Memorial dos Viajantes, ao invés de ir carpir no sol do bananal. (ver página 32/33).



**Cuiabá** De vez em quando íamos a Cuiabá. Ficávamos hospedados num hotel na rua Joaquim Murtinho, no centro, e eu adorava comer pão francês molhado no café com leite. Eu e meu irmão Miguel saíamos pela rua e líamos todos os cartazes, nos interessando especialmente pelos que anunciavam os filmes. Em alguns estava escrito: Proibido para menores de 18 anos. Cenas de Sexo. Ríamos: “Ih, olha, é filme de enxerto.” Sabíamos já que uma vaca prenhe foi enxertada e víamos na fazenda bois e vacas copulando. Outra placa: Curso de inglês. Achávamos graça também, pois curso é aquela diarréia que dá nos bezerras. Agora algo mais sério: à direita, foto da antiga Catedral Metropolitana Basílica do Senhor Bom Jesus, na antiga Praça da Matriz, hoje Praça da República, em Cuiabá, no ano de 1967. Foi demolida dois anos depois, pois suas “frágeis paredes” ameaçavam “desabar” sobre os fiéis, segundo o Arcebispo de Cuiabá. Quando fazia o ginásio na Escola Técnica Federal de Mato Grosso, ouvia, na sala de aula, as várias explosões de dinamite que foram necessárias para por abaixo as centenárias paredes do templo. Outro fato grave foi o destino dado aos ornamentos litúrgicos da Catedral. Segundo relatos que ouvi na época, foram parar em ricas mãos particulares em São Paulo. Moral da história: nem sempre progresso é progresso.

**Cururu** Durante a festa de ano de algum santo o festeiro ou o dono da casa pede a atenção de todos. Convida então os músicos cururueiros e todas as pessoas que quiserem participar da dança, para pagarem suas promessas ou louvar o santo. Os dançadores então se reúnem no centro do salão e se organizam em duas ou mais filas, paralelamente diante do altar. Uma só de homens, outra só de mulheres e assim sucessivamente. Cada fila se coloca atrás de um capelão que está com a sua viola de cocho, acompanhado



por um tocador de ganzá. O número de tocadores de violas de cochos e de ganzás não é definido. Comumente muitos outros se encontram no salão e também acompanham os capelães. Os dois capelães cantam o primeiro verso da carreira, repetem, cantam o segundo verso, todos os dançadores repetem o segundo verso, tendo a última palavra o tom bem elevado na última sílaba. Depois de cantados os dois primeiros versos, todos batem palmas e pés, marcando o ritmo da música e da dança.

**Cupinzeiro** Minha mãe sempre foi muito criativa. Olha só na foto o nosso presépio de Natal na Fazenda Amolar. Um cupinzeiro do campo, cujo conteúdo foi retirado, ficando só a “casca”. Uma entrada, e lá dentro da gruta com o menino Jesus, Nossa Senhora e São José e os carneirinhos. A neve eram flocos de algodão. Na imagem, meu irmão menor, o diamantinense Henrique, no colo de Miguel. Essa foto é de 1966.





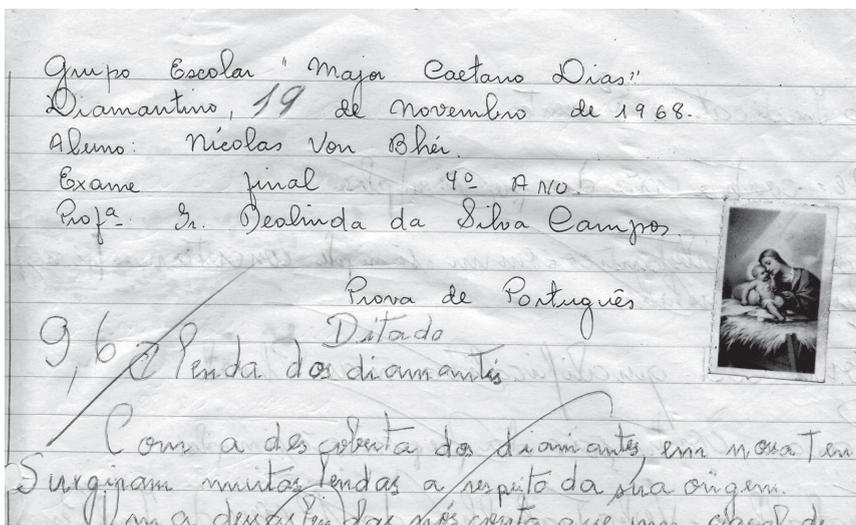
**D**

DALVA DE BARROS

**Dalva de Barros** Nasceu em Cuiabá, em 1935, filha do goiano Nabor de Barros e da maranhense Maria José Costa Barros. Filha de pai garimpeiro, aprendeu bem cedo a comprar e a vender diamantes. Quando o pai viajava era ela que, aos 9 anos, se encarregava do comércio da preciosa pedra. Durante muitos anos Dalva morou na fazenda Estivado, localidade logo após o Posto Gil, à direita, no sentido Diamantino-capital. Ali, sua mãe cuidava de um pequeno restaurante à beira da estrada. Nos fundos, seu pai criava gado. E Dalva ministrava aulas numa escola rural improvisada no mesmo local. Nas horas vagas, se dedicava ao desenho. O primeiro curso foi feito pelo Instituto Universal por correspondência, no final dos anos 1950. Os quadros iam direto para as paredes do restaurante da família. Em 1961 ela viajou para estudar pintura em São Paulo. Em 1967, Dalva consegue com o governador do Estado uma bolsa de estudos e segue para o Rio de Janeiro, onde passaria três anos fazendo curso livre de pintura na Escola Nacional de Belas Artes. Retorna para Mato Grosso em 1971, após a morte de seu pai. Depois de um ano na fazenda da família, começa a trabalhar com

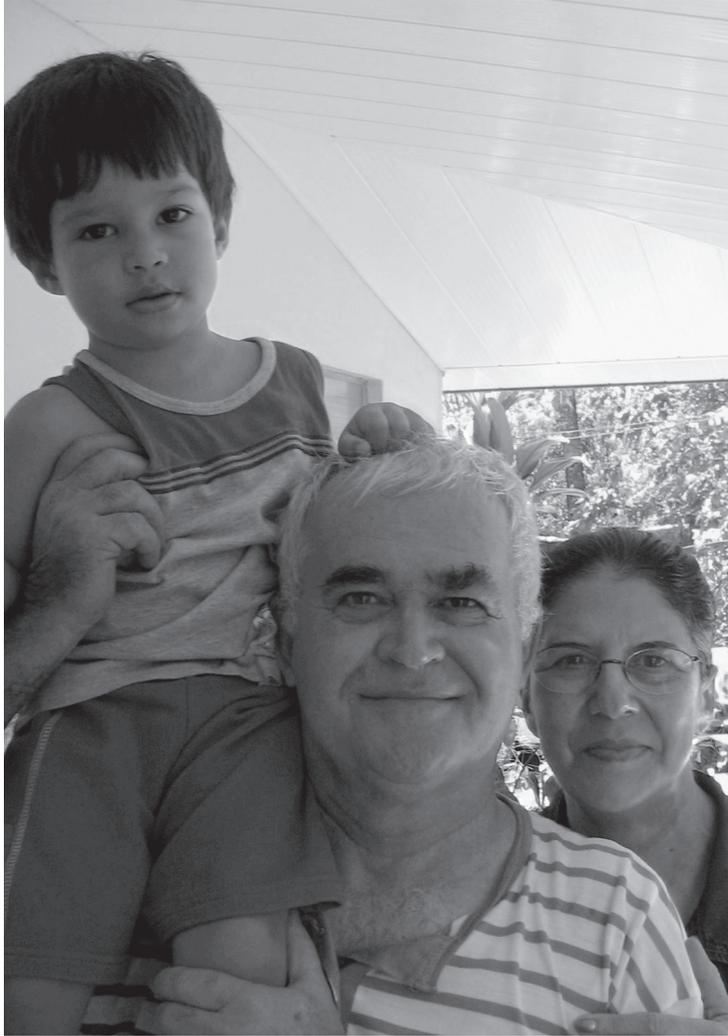
artesanato. Somente aos 37 anos foi que ela realizou a sua primeira exposição, na sala da União Nacional dos Estudantes, que ficava em cima do Cine Teatro de Cuiabá. Orientou o Ateliê Livre do Museu de Arte e de Cultura Popular da Universidade Federal de Mato Grosso, entre os anos de 1981 e 1996. Sobre sua vida sintetiza: “Não foi uma vida fácil, mas quando olho para o meu passado sinto orgulho de tudo o que fiz”. Minha mãe Therese conheceu a Dalva ainda jovem, na Fazenda Estivado, perto do Posto Gil, onde seu pai, Nabor, mantinha um bolicho (pequena venda) que atendia os ônibus e caminhões. Dalva de Barros é hoje considerada a maior artista plástica viva de Mato Grosso. Leva uma vida modesta, veste roupas simples, tem um olhar-falar tranquilo e não cultiva desejo maior do que o de continuar pintando. A ilustração da capa deste livro é de autoria de Dalva de Barros. Que alegria, que orgulho! Obrigado, Dalva. Por tudo.





**Deolinda** da Silva Campos (Irmã) Minha querida professora primária, uma religiosa muito bonita, que fazia jus ao nome. Certo dia vi um tufo de cabelos negros saindo de seu “chapéu” de freira, perto da nuca, e aquilo aguçou minha imaginação por um bom tempo. Pensava que as freiras eram carecas. Em 1973 se casou e foi morar em Rosário Oeste, cidade entre Diamantino e Cuiabá, deixando, portanto, o hábito. Mãe de três filhas. Aqui o meu eterno reconhecimento a Professora Deolinda, que me ensinou a escrever.

**Dorme-dorme** Nome de uma planta rasteira (*Mimosa pudica*), muito comum na região, que, quando tocada, se fecha. É só passar a mão sobre ela que um tipo de “eletricidade” interna faz as folhas se dobrarem. Antônia (ver página 24), que trabalhava na casa da Fazenda Amolar, colocava partes da planta embaixo das nossas camas de criança, para que pudéssemos dormir melhor, sem perturbá-la. Dorme-dorme, criança!



**E**

EURÍDES FURTADO

**Ena** Minha mãe, na Fazenda Amolar, certo dia pediu a um vaqueiro que lhe trouxesse um filhote de ena e ele assim o fez. Alimentada, cresceu forte e feliz, sempre ali em volta da casa. Nós, crianças, gostávamos de dar a ela pedaços de pão ou carne bem grandes, só para vermos o alimento descendo pelo pescoço comprido. Inclusive, ela engolia nossos legos, aqueles brinquedinhos plásticos de montar, que defecava todos retorcidos. Um dia uns cães, que acompanhavam uma boiada, correram atrás da nossa ena e ela se machucou ao passar pela cerca de arame. Sumiu por uns tempos. Certo dia, já anoitecendo, minha mãe viu a ena se aproximando da varanda da casa, lentamente, cambaleando e ali mesmo caiu, morta. Ela foi lá olhar o animal e viu que embaixo de sua asa havia uma enorme ferida, cheia de bichos. Enfim, ela voltou apenas para morrer aos pés da pessoa que cuidou dela desde pequena.

dar de comer  
à ena  
tirando comida  
da boca do poema



**Enterro** Onde houve mineração no Brasil Colonial certamente, ainda hoje, são contadas lendas de tesouros enterrados. Como não havia cofres nem bancos para guardar as riquezas, as pessoas escondiam potes de ouro, jóias e diamantes sob o solo, dentro de paredes, sob o tabuado das casas ou sob as raízes das árvores. Diz a crença popular que se alguém morreu e deixou ouro e/ou diamante enterrado, só “sossega” quando alguém entregar o enterro para alguma pessoa, o que só pode acontecer num sonho. E o felizardo terá que ir desenterrá-lo sozinho. Como a extração de diamantes era proibida pela Coroa Portuguesa (aliás, só ela podia explorar os diamantes, através de um contratador) muitas pessoas, livres e escravos, enterravam os tesouros para escondê-los dos fiscais e dos patrões. Muitas vezes um senhor matava o escravo que tinha acabado de enterrar seu ouro e seus diamantes. Tudo para que ninguém soubesse do seu segredo. Na verdade, a maldição do enterro passava de quem o tinha escondido para quem o encontrasse, pois o felizardo não poderia dividi-lo. Após encontrar o tesouro ele deveria abandonar a cidade em segredo e nunca mais voltar. Em Diamantino, um local rico em lendas de enterros, segundo a crença popular, é a região do Chora. Acredita-se também que algumas pessoas que deixaram Diamantino de forma intempestiva e não se despediram de ninguém e nem deram mais notícia, o fizeram porque encontraram um enterro. Acredite, se quiser.

**Eurídes Furtado** No município de Diamantino, mais exatamente na BR 163, no km 531, num lugar chamado Vale da Solidão, vive um dos maiores entomólogos amadores (estudiosos de insetos) do Brasil. Sim, é o “homem do abacaxi”, o autodidata Eurides Furtado. Catarinense, chegou na Fazenda São João em 1974, onde foi contador até 1991.

Tem artigos publicados na Revista Brasileira de Zoologia e também em revistas internacionais. É especialista na ordem *Lepidoptera* (das borboletas e mariposas) e várias espécies de insetos foram denominadas em sua homenagem. No seu sítio, verdadeira reserva ecológica, existe um ponto de alimentação para animais silvestres, sendo que lá já vi, à noite, antas, cotias, jacus, caititus, lobetes... Casado com Ana Lucia Mazzotti, tem dois filhos, Eurídes Junior e Jasciara, que lhe deram três netos.

**Expedição Langsdorff** Quando Diamantino comemorava exatamente 100 anos de fundação, em 1828, a cidade recebeu a visita de uma importante expedição científica. Com o apoio do czar russo Alexandre I e de autoridades imperiais brasileiras, o naturalista alemão Barão Georg Heinrich von Langsdorff, então cônsul da Rússia no Rio de Janeiro, iniciou uma grande expedição de reconhecimento do interior do país. Com a independência do Brasil várias missões científicas começaram a cortar o território da nova nação. Era grande a disputa entre os museus de história natural dos reinos europeus por coleções de rochas, plantas e animais. Assim, cada país patrocinava uma expedição, como foi o caso da liderada pelo barão Langsdorff, que teve o apoio do império russo. Artistas, botânicos, naturalistas e cientistas fizeram parte da empreitada – conhecida como Expedição Langsdorff – que, em oito anos, cruzou o país, indo do Rio de Janeiro (passando por Diamantino!) até Belém, no Pará. A expedição científica, uma das mais importantes do século XIX, ficou retida em Diamantino por um bom tempo, por problemas de logística, retratando pessoas, costumes e paisagens da região. Cópias desta riqueza iconográfica estão expostas na Casa Memorial dos Viajantes, onde há uma sala especial só para a expedição. Logo após sair de

Diamantino, Langsdorff adoeceu gravemente (malária) e perdeu a consciência de si para sempre. O cientista morreu na Alemanha em 1852. Antes de partir, deixou estas observações em seu diário, relativas ao dia 10 de fevereiro de 1828. “Em Diamantino as pessoas vivem em cabanas miseráveis dispersas, não têm nenhuma ocupação fixa e, por isso, não se preocupam em juntar dinheiro para construir uma boa casa e mobiliá-la. São cabanas de palha, totalmente vazadas dos lados, com alguma proteção contra as chuvas; dentro delas apenas redes penduradas, para o descanso noturno, uma pele de boi estendida no chão úmido ao lado de esteiras de palha, que servem de mesa e cama; malas prontas para viagens de última hora, colocadas displicentemente sobre toras de madeira, para protegê-las da umidade penetrante: esses são os únicos móveis. Quase não se vêem assentos, mochos ou tabuleiros; mesmo nas melhores casas, é difícil ver uma cadeira. Quando as pessoas se reúnem em alguma casa da vila, trazem-se assentos das casas vizinhas. Nas casas maiores, dos moradores ricos, existem no máximo duas ou três mesas, grandes, pesadas e sem forma definida; uma mesa de jantar e outra de jogos, alguns bancos, uma ou duas gamelas grandes ou malas para guardar as roupas de cama, banho e de vestir, em vez de armários ou cômodas, que são móveis desajeitados e pesados para se transportar. Uma dúzia de pratos, um copo para toda a família, sopeiras, algumas xícaras e garrafas, meia dúzia de colheres e garfos de prata, uma ou duas xícaras normalmente ficavam trancados num armário de parede”.



O rio Paraguai, próximo à atual usina.  
Hércules Florence, membro da Expedição  
Langsdorff (1828).



Diamantino na Província de Mato Grosso. Árvore denominada Genipavera e pessoas que pedem esmola para a Festa do Espírito Santo. Hércules Florence, artista da Expedição Langsdorff (Janeiro de 1828).



**F**

FREDERICO ESTERMANN

**Falar diamantinense** Isolados do resto do país por causa da distância que os separava de outros estados até meados do século XX, os moradores ao longo dos rios Paraguai e Cuiabá desenvolveram uma forma especial de falar. Enriquecida com a herança da linguagem dos índios, negros, paraguaios e imigrantes do norte de Portugal, que formavam as populações locais na época, temos aqui alguns exemplos desse modo de falar.

**Agora de quê?** Exclamativa de interrogação ou de algo que aconteceu.

**Ajoja** Junta, aperta aí.

**Aloitano** Lidando com algo; brincadeira (luta corporal).

**Apurado** Preocupado.

**Assisti** Morei ou abriguei na casa de alguém.

**Arruinar** Adoecer.

**Aufa** Bastante, muito de alguma coisa.

**Até no beijo** Copo cheio.

**Até no setenta** Bêbado, de porre.

**Bambolê** Chinelo.

**Batchio** Onde o rio não é muito profundo.

**Bachero** Forro de garupa de cavalo, onde se coloca bagagem.

**Bigia ele!** Cuida dele.

**Bichêra** Trocado, pouco dinheiro.

**Bulitcho** Armazém pequeno, que vende secos e molhados.

**Bulindo** Mexendo em alguma coisa.

**Caçar caiaia** Procurar perigo, se arriscar.

**Cambada** Vários peixes amarrados ao longo de um graveto ou um fio. Bando de gente.

**Canhar** Dificultar, negar, ser pão-duro.

**Castreado** Buraco de garimpo onde mina água.

**Cepoide** Grande, crescido.

**Chá com bolo** Lanche.

**Chia aí / chia lá?** Olha aí, olha lá.

**Chinchar** Puxar. “Sossega criança, larga de chinchar meu cabelo.”

**Chuçar** Furar, espetar. “Ficou chuçando a loca”.

**Comer água** Embriagar-se.

**Como não!** Interjeição de concordância.

**Conga** Feitiço, despacho, umbanda.

**Cordeiro** Pessoa que gosta de contar vantagem, ser metida.

**Cracatchê** Muito velho.

**Crucussano** Mexendo em algo.

**Currutela** Pequeno povoado, muito pobre.

**Curtido** Sem-vergonha, sabido, esperto.

**Curureiro** Cantador

**De à meia** “Já plantei muito arroz de à meia”.  
Quando a produção é compartilhada.

**De um tudo** No total.

**Demais de bom** Muito bom.

**Demais de povo** Muita gente.

**Demais de quente** Muito quente.

**Devota** Fã, admiradora.

**Deu táboa** Recusou aceitar a dança.

**Digoreste** Animado, agradável.

**Dona menina** Refere-se à pessoa com quem se fala, sem dizer o nome próprio.

**E aí chô mano!** E aí, companheiro, tudo bem?

**Eh aaaaaah!** Exclamação de admiração.

**Empalizado** Cobertura de palha de acuri ou babaçu

**Esse um** Referindo-se à pessoa

**Ficá canhano** Negar alguma coisa, sovinar

**Figa!** Expressão de espanto.

**Finca** Pequena barra de ferro, que se usa como brinquedo.

**Fraco da cabeça** Sofre de algum distúrbio mental.

**Funda** Estilingue, atiradeira.

**Futipá** Bagunça.

**Gente de quem?** Pergunta para identificar a qual família uma pessoa pertence.

**Incomodada** Menstruada.

**Incutado** Empenhado, disposto, “coisa que não sai da cabeça”, cismado, intrigado

**Inganbelá** Enganar alguém.

**Inté por cá** Saudação de despedida (Até outro dia, até outra vez).

**Invisive** Grampo de cabelo.

**Ladino** Esperto.

**Laçar** Vomitar.

**Larido** Esfomeado.

**Marola** Confusão.

**Mas agora quando?!** É mesmo? Que coisa! Não acredito!

**Mas quá!** Expressão de espanto.

**Matula** Lanche (zona rural) feito para ser consumido em viagens.

**Mela cueca** Nome atribuído ao rasqueado, dançar juntinho.

**Muchirum** Mutirão.

**Mora na rua** Mudou-se para a cidade.

**Nhonhô, nhanhá** Menino(a), querido(a).

**Pá bosta!** Tiro e queda. Objetivo atingido.

**Pachabal** Bateu, caiu.

**Pau rodado** Indivíduo de fora que chega à cidade.

**Pena d’água** Torneira, encanamento de água.

**Pequi roído** Sem valor.

**Picúa** Peça cilíndrica usada para guardar diamantes.

**Pintcha** Jogar alguma coisa com as mãos.

**Pixé** Milho torrado e socado no pilão, com açúcar e canela.

**Podre de chique** Muito elegante. “Fulana casou com homem rico, só anda podre de chique”.

**Por móde ou prómode** Por amor de... Por causa, para que. Usa-se, às vezes, apenas “móde”.

**Povo de...** Pessoal da família tal e tal.

**Prenhe** Grávida.

**Que nem lançadera** Que fica de vai-e-vem, que não fica parada.

**Que qué esse?** Exclamação diante de um absurdo, de uma surpresa.

**Rebuçar** Tampar, cobrir, envolver, agasalhar.

**Sapicuá** Bolsa simples na qual se guarda o canivete, o fumo e a palha de milho para montar o cigarro.

**Semgraceira** Chateação, falta de sossego, inquietação.

**Si minino** Esse menino ( também usado no feminino).

**Sistrodia** Outro dia. “Sistrodia cumadre teve aqui...”

**Supitado** Satisfeito, de barriga cheia.

**Sururuca** Mingau de farinha de milho torrado.

**Taludo** Grande, forte.

**Tava inté doce!** Foi muito bom.

**Tá empachado** Quando comeu demais.

**Tá de moagem** Quando alguém enrola, fica de má vontade, não faz o serviço.

**Tchá! Tchô!** Expressões indicativas de gozação e espanto.

**Tacuru** Fogão de lenha rústico construído com três pedras.

**Tafuia** Coloca.

**Tchá por Deus!** Admiração de um acontecimento.

**Teipa** Murro.

**Terno de madeira** Caixão de defunto.

**Tchiriri** Uma parte, uma amostra, uma porção.

**Tchá por Deus** Interjeição de negação ou repulsa.

**Tchó** Está enganado.

**Tocera** Orgulhoso, bem arrumado, arrogante.

**Tora por aí** Vai por aí.

**Trieiro** Caminho.

**Urraria** Barulheira.  
**Variado** Nervoso, agitado, louco.  
**Verter água** Urinar.  
**Verdolengo** Esverdeado.  
**Vôte** Expressão de espanto ou nojo.  
**Xispa daí** Sai daí, agora.

**Fauna** Quando criança na Fazenda Amolar eu e meu irmão Miguel andávamos muito pelo Cerrado, bordeando as matas dos rios, em busca dos melhores pontos de pesca, os chamados “poções”. Inúmeras vezes vimos bandos de animais silvestres. Veados, por exemplo. Descansavam ali perto da vegetação densa, pois ao primeiro sinal de perigo, corriam para se proteger no meio da mata. Atualmente, com a caça desenfreada, o desmatamento generalizado e a conseqüente perda de habitat, quase não se vêem mais animais silvestres pela região. Uns aqui, outros ali, mas não bandos. Nas minhas andanças recentes pela região sempre pergunto sobre a situação da fauna. Muitos me dizem que os animais silvestres, na verdade, estão aumentando em número. Algumas espécies sim, talvez pela falta de predadores, principalmente os carnívoros, que estão no topo da cadeia alimentar, pela repressão à caça, ou aumento na oferta de algum alimento. O caso mais dramático é o da queixada (*Tayassu pecari*). Atacam plantações de milho causando grandes estragos, formando varas de até 100 indivíduos. Outras espécies, a maioria delas, infelizmente, ficaram bastante raras. O que fazer? Todos sabemos o que fazer, mas não fazemos. E assim o nosso planeta Terra vai ficando cada vez mais triste e mais pobre.

**Fazenda São João** Uma das maiores e mais bem equipadas propriedades rurais da região de Diamantino nos anos 1960. Com cerca de 55.605 hectares, era parte da Fazenda Caeté, de Otavio Costa. Adquirida pelo príncipe alemão João von Thurn und Taxis em 1957, foi vendida em 1993. Quando foi criada emprestava maquinário, como patrol, para a Prefeitura de Diamantino consertar estradas. Tinha serraria, hidrelétrica, olaria, foi pioneira no plantio de arroz e pimenta-do-reino, formação de pastagens e plantio de seringueira. Pioneira também no manejo do capim nativo sem uso de fogo. Ali se faziam experimentos genéticos, misturando raças européias com nelore. Famosa nos anos 80 pelas suas festas de São João, entre os dias 23 e 24 de junho, chegava a receber cerca de 600 pessoas. Na beira da BR-163, dos dois lados, na divisa seca, por cerca de 40 quilômetros, Frederico Estermann, gerente da fazenda, plantou touceiras de bambu (*Dendrocalamus asper*), que podem ser vistas pelo Google Earth e que são referência para pilotos que sobrevoam a área. Toda vez que vejo aqueles bambuzais me emociono. A Fazenda São João sempre foi uma referência para os fazendeiros e empresários rurais pioneiros no chamado Nortão do Mato Grosso. Serviu de campo de experimentação de equipamentos agrícolas e para o desenvolvimento das pesquisas com sais minerais, controle de parasitoses e doenças como anemia infecciosa equina. Mas foi na área social que provavelmente fez as principais inovações para a época, pois, desde o seu início, mantinha um armazém, um açougue, uma escola primária e uma igreja para as famílias dos funcionários. Eu fui batizado na capela da Fazenda São João e sempre que vou a Diamantino a visito. As bocaiúvas da fazenda eram famosas (ainda são) no meu tempo de criança, por serem bem vermelhas e, portanto, muito doces. Dona Sibylle, esposa de Frederico

Estermann, em suas viagens para Cuiabá sempre levava as bocaiúvas para distribuir nas lojas, que as pediam. Trouxe sementes de bocaiúva da Fazenda São João e as plantei em meu sítio perto de Brasília. Germinaram, cresceram e com cerca de 6 anos de idade começaram a produzir suculentos frutos, excelentes para a produção de sorvetes.

**Flamboyant** Quem passa pela BR-364 em direção a Diamantino, no km 596, um pouco antes do Ribeirão Amolar, na descida, vê, ao lado direito, uma casa (a nossa) e um belo flamboyant (*Delonia regia*) na frente. Quando floresce é realmente maravilhoso, uma mancha vermelha no meio do verde. Foi dado de presente a minha mãe por uma francesa que procurava suas terras nos sertões de Mato Grosso, no final dos anos 1950. Como não localizou sua propriedade e lá quisesse plantar o flamboyant, deixou a muda com minha mãe. Este flamboyant sobreviverá à casa e a todos nós, testemunho de nossa passagem por Amolar.

**Frederico** Siegfried *Frederico* Estermann nasceu na cidade de Essen, Alemanha. Como meu pai, foi recrutado aos 16 anos, já no final da Segunda Guerra Mundial. Em abril de 1945, completou 17 anos como prisioneiro dos americanos, ferido, em um hospital. Após a guerra, decidiu emigrar para o Brasil, instalando-se no Paraná, onde casou-se com Sybille. Em 1960, foi convidado para trabalhar na Fazenda São João, onde foi gerente por 25 anos. Aposentou-se e mudou-se para Cuiabá, onde morreu em 2002, aos 74 anos. Deixou três filhos: Alexander (veterinário), Peter (engenheiro agrônomo) e Dagmar (enfermeira). A rodovia MT-240, que vai de Novo Diamantino até a BR-163, leva o seu nome. Tenho as melhores lembranças dele. Grande Frederico.



**G**

GILMAR FERREIRA MENDES

**Ganzá** É um instrumento de percussão, espécie de reco-reco, feito geralmente de taquara, com 40 a 70 cm de comprimento, tendo um nó do bambu em cada extremidade. O bambu é preferencialmente trabalhado ainda verde, por ser mais macio, diminuindo assim o risco de rachar. O ganzá é percutido preferencialmente com um pedaço de osso (costela bovina) que não estraga o instrumento ao ser raspado sobre as ranhuras para produzir o som.

**Gilmar Ferreira Mendes** Nasceu em Diamantino em 1955, primogênito de Francisco Ferreira Mendes e Nilde Alves Mendes. Fez o primário no Grupo Escolar Major Caetano Dias, onde também estudei. Ele externo, eu interno. Curvou depois o Ginásio Conceição, também em Diamantino. Fez o curso científico em Cuiabá, São Carlos (SP) e Brasília. Em 1978, bacharelou-se em Direito pela Universidade de Brasília. Nenhum outro diamantinense chegou tão perto do poder em Brasília quanto Gilmar Ferreira Mendes. Quando presidente do Supremo Tribunal Federal, entre 2008 e 2010, foi o quarto na sucessão presidencial após o vice-presidente da República, o presidente da Câmara dos

Deputados e o presidente do Senado. Não se intimida em expor suas posições, sempre muito firme nas suas ideias e ideais, batalhador, polêmico e *workaholic*. Perto do poder mas não longe de Diamantino, que visita regularmente. Sempre ajuda o município nas suas demandas, se interessando, principalmente, pela preservação histórica da cidade. Santista roxo, pai de um casal de advogados, casado com a cearense Guiomar Feitosa.

**Gonçaleira** Árvore que ocorre no interior das matas alagadas da região de Diamantino e que produz flores azuis espetaculares. Em frente ao casarão da baronesa havia uma mata (hoje toda mexida) onde existia um pé de gonçaleira. Minha mãe sempre fala dela. Numa de minhas visitas a Diamantino pude verificar no meio da floresta essas flores, azuis, despontando entre as copas. O nome científico da planta é *Qualea ingens*, da família das *Vochysiaceas*. Fique atento, você também vai se emocionar com a beleza do azul dessa flor!

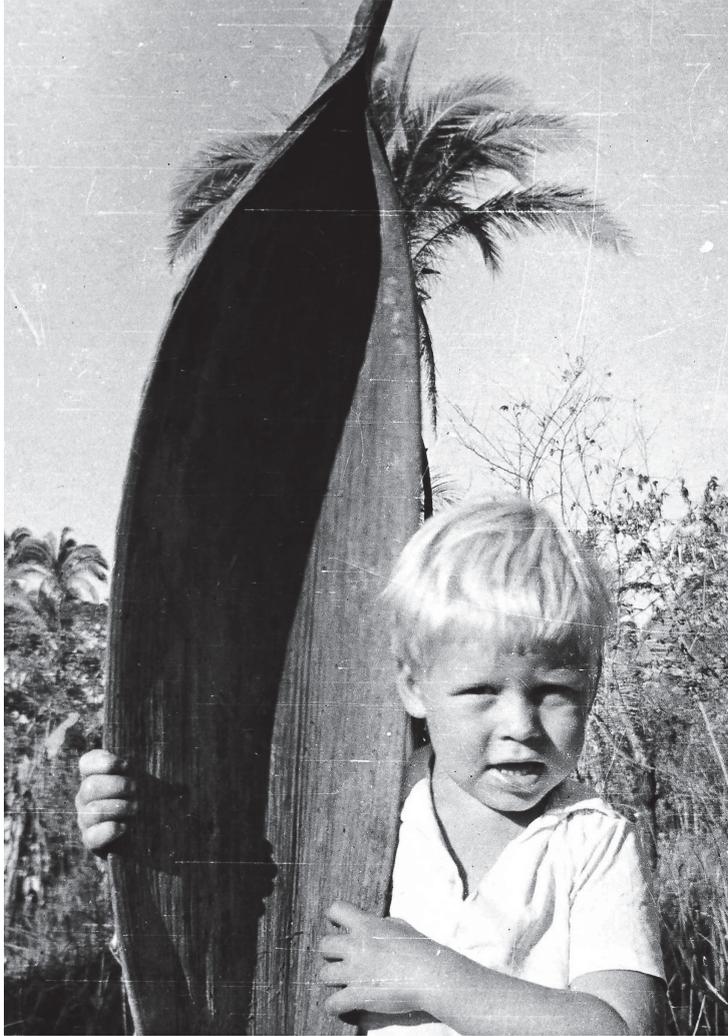
**Google Earth** Usar o programa Google Earth para viajar pela região de Diamantino é um dos meus prazeres em Brasília. Localizar lugares, ficar na dúvida, ver os bambus plantados pelo Frederico Estermann, localizar a Fazenda Amolar, a casa da baronesa. É viajar sem sair do lugar. Pelo Google Earth pode-se verificar, por exemplo, a degradação ambiental das nascentes do rio Diamantino, agredido pela mineração. Também se vê, claramente, em vários pontos, o avanço da agricultura sobre áreas de preservação permanente, como as veredas, o que não é permitido por lei. Nem pelo bom senso.

**Guricha** Também grafado como "Corixa". Local da BR-364, no km 606, ali na curva fechada, entre o córrego Mata

Grande e o ribeirão Caeté, entrada da antiga estrada para Alto Paraguai. Nos meus tempos de criança, ali havia um bolicho, uma pequena venda para atender os viajantes, onde paravam os ônibus (que chamávamos de jardineiras). O bolicho acabou, mas as bocaiúvas que ali foram plantadas são das mais deliciosas da região. Ali acontece um fenômeno geográfico curiosíssimo: a “quase” união da bacia Amazônica com a do Prata. Digo quase pois o imenso brejo que ali se forma na época chuvosa é cortado pela BR 364. Veja que, no sentido Cuiabá-Diamantino, do lado direito, está o Córrego Brejo Grande, seguindo para a Amazônia. E do lado esquerdo da pista segue o Córrego Corixa, indo em direção à bacia do Prata.



Boiada na BR-364, antes do asfalto, entre as Fazendas Amolar e Caeté.



**H**

HENRIQUE VON BEHR

**Henrique von Behr** O meu irmão menor é o único diamantinense da família. Quando criança via que todos as pessoas davam dinheiro ao cobrador dos ônibus. E ele dizia: quando crescer quero ser cobrador. Nasceu em 1965 no Hospital São João Batista e estudou o primário em Cuiabá e o ginásio e segundo grau em Brasília. Foi diretor de arte em várias agências de publicidade em Brasília e Belo Horizonte. Atuante na cena roqueira da capital nos anos 1980, sendo vocalista da banda de heavy metal *Fallen Angel*. Formado em design gráfico, pela UNIP,

Universidade Paulista, em 2012. Foi responsável por pinturas de aeronaves na maior empresa de aviação executiva da América Latina. Mora em Brasília desde 1974, é casado com Andrea Capucho, tem dois filhos: Derek e Johan. Trabalha na área de design gráfico em Brasília.





**I**

**ÍNDIO**

*Cacique Uaigma, da tribo  
Rikbaktsa (canoeiros)*

**Inácio** Índio, da tribo Irantxe, que foi o meu melhor amigo no Lar do Menor. Como o fundador da Companhia de Jesus foi Santo Inácio de Loyola, muitos índios eram nomeados pelos jesuítas em sua homenagem, dificultando bastante a localização do meu amigo índio. Procurei-o quando retornei adulto a Diamantino, sem sucesso. Cheguei a localizar um Inácio, da tribo Irantxe, em Brasnorte, que havia estudado no Lar do Menor e era motorista da prefeitura local. Quando eu perguntei se lembrava de um alemãozinho, cabeça branca, que estudou com ele em Diamantino, e ele disse que não, imediatamente eu concluí: não era o meu Inácio do Lar do Menor. No livro *Menino Diamantino* há um poema cujo título é Lição de Amizade:

inácio era índio / e meu melhor amigo / rejeitado pelos  
outros brancos / inácio nadava comigo / pescava comigo /  
fazíamos a lição juntos / aprendemos a lição? / eu nunca  
me esqueci de Inácio / inácio, tenho certeza, nunca se es-  
queceu de mim / por onde anda inácio? por onde ando eu?

**Ismael Pereira** Alagoano, moreno, sempre de bombachas, muito alegre, era um dos maiores fazendeiros da região de Diamantino no final dos anos 1950. Para transferir a Fazenda Amolar, parte da Fazenda Tangará, para a baronesa, pediu apenas um caminhão pelos 5.540 hectares de terra nua. Levou minha mãe e eu (na barriga) para Cuiabá no final de julho de 1958, para que eu nascesse na capital. Ia cantando músicas como *Chico Mineiro*, *Chalana* e *Encosta sua cabecinha no meu ombro e chora*. Da Fazenda São João até Cuiabá o caminhão levou umas cinco horas, segundo mamãe.







**J**

JOEL PRAXEDES CAPISTRANO

**João (Príncipe)** Em alemão, Prinz Johannes von Thurn und Taxis. Nasceu em 1926, sendo sua mãe uma princesa da dinastia de Bragança, que reinou em Portugal, razão pela qual falava fluentemente a nossa língua. Por isso, queria manter um vínculo com o Brasil e adquiriu de Otávio Costa, dono da Fazenda Caeté (hoje assentamento do INCRA), no final dos anos 1950, a Fazenda São João, por intermédio da minha tia-avó, a baronesa Agnete von

Engelhardt. Herdeiro de uma das mais ricas e nobres famílias européias, o príncipe João apreciava a vida simples da fazenda, onde vinha uma vez por ano, andando a cavalo e viajando pela região. Gostava particularmente de visitar o retiro Bujuí para apreciar o almoço sim-



O príncipe João com Benedita, esposa de Jerônimo, no retiro Bujuí, juntamente com Vera e Carmo.

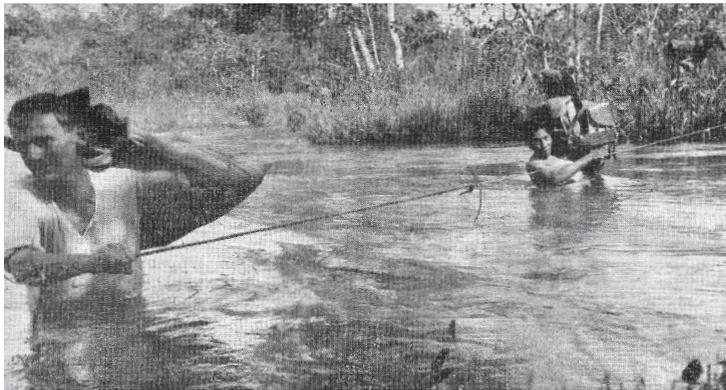
ples e o cafezinho da casa de pau-a-pique do capataz Jerônimo, conhecido como Jeló, como atesta a fotografia. Antônio José, um dos muitos filhos de Jerônimo, hoje mora no seu lote no antigo retiro Bujuí, que se transformou em um dos maiores assentamentos do INCRA no município. O príncipe faleceu em 1990.

**João Carlos Barrozo** Sociólogo, gaúcho, autor de dois livros fundamentais sobre Diamantino e região: *Em busca da pedra que brilha como estrela – garimpos e garimpeiros do Alto Paraguai-Diamantino* (Editora da UFMT e Carlini Caniato Editorial, 2007) e *Diamantino – do extrativismo à agricultura moderna* (NERU/UFMT/SMEC Diamantino, 2002). Foi professor do Departamento de Sociologia e Ciência Política da UFMT a partir de 1977. Aposentado, vive atualmente em Cuiabá. Muitas das histórias e lendas narradas neste livro, principalmente sobre garimpos e garimpeiros, foram retiradas dos seus livros. Agradeço.

**João Evangelista Dornstauder** Padre missionário catequista jesuíta e indigenista, nasceu na Áustria em 1904. Chegou em Diamantino em 1946 e participou ativamente da Missão Anchieta. Correndo enormes riscos e enfrentando todos os perigos, foi, no final dos anos 1950, pioneiro no contato com os índios canoeiros, que se autodenominam Rikbaktsa. Foi agraciado pela FUNAI em 1974 com o Diploma do Mérito Indígena. Foi professor, missionário e pesquisador da UFMT. Em 1975, o Instituto Anchietano de Pesquisas, em São Leopoldo (RS), publicou seu livro-diário *Como pacifiquei os Rikbaktsa*. Um homem de grande coragem e valor. Faleceu em 1994.

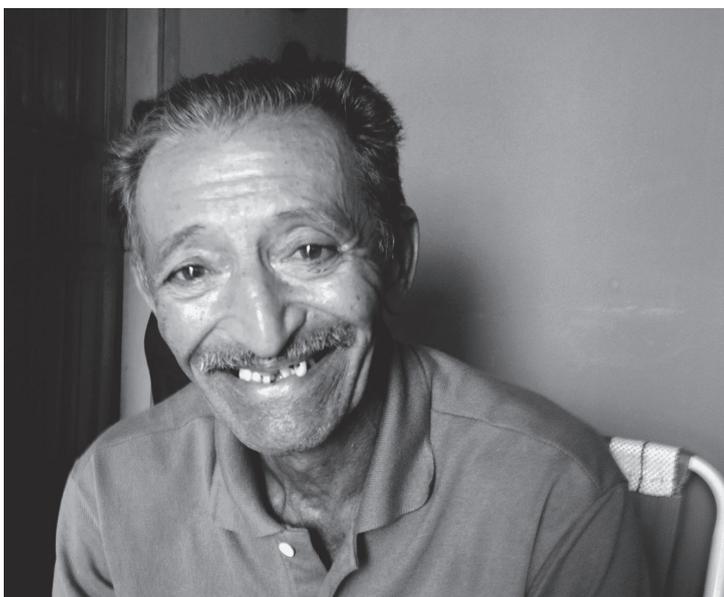


Meu pai na varanda da casa em Amolar recebendo o padre João Evangelista Dornstauder, acompanhado de dois índios.



Padre Dornstauder atravessando o rio Sangue, com um ajudante, ao encontro dos índios Irantxe.

**João Pereira** Nasceu em Chapada dos Guimarães, foi em 1957 trabalhar com os padres jesuítas em Diamantino como motorista, tendo vivido cinco anos em Utiariti. Trabalhou como piloto de barco juntamente com os padres João Evangelista Dornstauder e Adalberto Pereira nos primei-



ros contatos com os índios canoieiros (Rikbaktsa), sendo testemunha ocular dos trabalhos de aproximação com os então arredios índios. Depois foi caminhoneiro transportando gado para Rondônia, tendo sido também mecânico da prefeitura de Diamantino por 27 anos, até se aposentar. Em todas as minhas idas a Diamantino visitava o meu amigo, o pacato João Pereira, retratado na foto acima, para ouvir histórias do “tempo dos padres”. Faleceu em 2016. Vou plantar uns pés de bocauiuva junto ao seu túmulo.

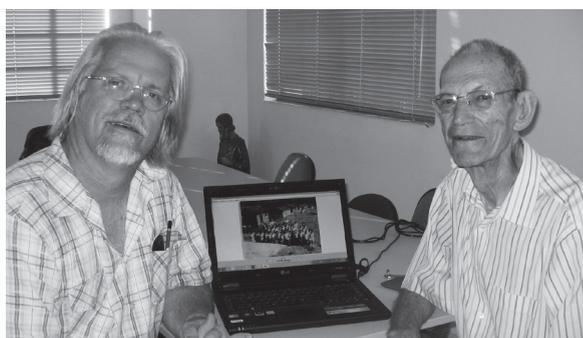
**João Revoltoso** Trabalhava na Fazenda São João e era assim chamado pois tinha participado da Coluna Prestes, nos anos 1930, que abandonou quando de sua passagem por Mato Grosso. De origem gaúcha, foi um dos mais prestativos assistentes de Frederico Estermann quando este chegou à fazenda, no início dos anos 1960. Antes o nosso personagem havia trabalhado nos muitos seringais que existiam ao norte da fazenda. Suicidou-se, deitado na rede, em 1972, com um tiro no ouvido, disparado por um revólver 32, logo depois da festa de São João, desgostoso com o comportamento de uma de suas filhas durante a festa.

**Joel Praxedes Capistrano** Nasceu em Diamantino em 1966, filho de Jary Capistrano da Silva e Luiza Praxedes da Silva. Segundo ele, os Praxedes são originários da Amazônia, tendo vindo para a cidade com os “paranistas”. Formado em história na UNIVAG – Universidade de Várzea Grande - em 2004, é professor da rede pública estadual nos ensinamentos fundamental e médio. Apresentador do Programa Ganzá nas rádios Parecis e União desde 1993, casado com Joyce Maria dos Santos, tem dois filhos: Igor e Ítalo. Além de ser um dos que mais conhecem a história de Diamantino, Joel é um batalhador pela cultura e tradição diamantinenses. Agradeço de coração pelas muitas informações que me passou, aqui contidas. E digo com todas as letras: sem a ajuda do Joel eu não teria escrito este livro.

**Jorge** Andarilho que passava pela Fazenda Amolar de tempos em tempos. Sempre sujo de poeira e muito magro. Andava com um enorme saco nas costas, cheio de latas de óleo diesel vazias, pude observar. Folgado, chegava na porta da casa da fazenda e perguntava pelo “compadre” Anatol e pela “comadre” Tereza. Ficava ali por horas, sentado, descansando das longínquas caminhadas. Todo

caminhão que avistava levava ou trazia mercadorias para suas muitas fazendas, delirava. Minha mãe sempre dava a ele um prato de comida, que eu, criança, morrendo de medo, entregava ao bom e inofensivo Jorge. Ainda hoje, quando minha mãe vê um andorilho pelas estradas diz, com compaixão: “Olha quem vai lá, o Jorge”. Vai em paz, Jorge, vai determinado e com destino certo - o infinito - por esses longos e tortuosos caminhos da vida.

**José de Moura e Silva** Certamente foi o maior conhecedor da história de Diamantino, com vários livros publicados sobre o tema. Nasceu em Ubá, MG, em 1928, e entrou para o noviciado dos jesuítas com 17 anos. Foi ordenado padre em Belo Horizonte e chegou a Diamantino em 1952, com forte participação na vida religiosa da região. Escreveu um livro fundamental – *Diamantino* – que teve duas edições patrocinadas pela prefeitura de Diamantino, sendo a primeira, em 2001, na administração de Chico Mendes e a segunda, em 2007, na administração de Juviano Lincoln. Muitas das informações contidas neste livro provêm de seus escritos. Faleceu em São Leopoldo (RS), em 2015.



O autor visita o padre Moura (*in memoriam*) em Cuiabá, que muito ajudou na pesquisa deste livro. (2012).





**L**

LOURDES SABO MENDES

**Lagoa dos Veados** Hoje a chamam de *Lagoa do Cervo*, mas nos meus tempos de criança era conhecida como Lagoa dos Veados. Era uma das maiores lagoas da região, que, infelizmente, está sendo assoreada, e, portanto, secando, desaparecendo. Quando criança, ouvi histórias de caçadores que ficavam à beira da lagoa esperando manadas de veados. A sua carne era vendida em Alto Paraguai e o couro, muito fino, usado para diversos fins, como laços e arreios. Fico a imaginar os bandos de veados chegando para tomar água na lagoa de tardezinha... Que belo espetáculo. Pena que nunca mais o veremos. Sim, a lagoa vai secar, questão ainda de alguns anos... e vão plantar soja no local. Quantas sacos de soja vale a Lagoa dos Veados? A riqueza que a soja traz, neste caso, deixa-nos, na verdade, cada dia mais pobres.



Meu pai, a cavalo, na beira da Lagoa dos Veados (1967).

**Lambari** É o peixe mais comum do Brasil, ocorrendo em todas as nossas bacias hidrográficas. Existem muitas espécies de lambaris e quase todo peixinho que brilha é chamado por esse nome. Como me considero um exímio pescador de lambaris, vão aqui umas dicas: prefira águas não muito paradas, de riachos pequenos; use o menor anzol que encontrar, sendo o ideal o chamado “mosquitinho”; a melhor isca é mesmo minhoca, mas pode usar arroz cozido ou miolo de pão; prefira uma vara fina e curta de taquara e sugiro que a linha não tenha mais do que dois metros de comprimento. Não use chumbada. Boa pescaria! Esse peixinho dá título ao meu segundo livro sobre Diamantino: *A Lenda do Menino Lambari*, de onde retiro este poema:

cheguei bem perto do rio / mas não pesquei /  
dessa vez não sofri / nem eu / nem o lambari





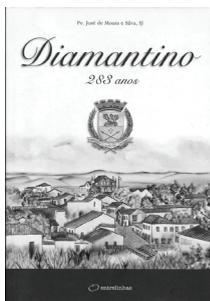
O Lar do Menor hoje dá lugar a Casa Edith. Observem as pedras do calçamento, muito antigas. O autor está no lado direito da foto, sentado sobre a murada, de cabelo branco. Na porta, padre Heriberto Hammes.

**Lar do Menor** Local onde ficávamos, alunos internos dos padres jesuítas da Missão Anchieta, atual Casa Edith. Do outro lado da rua, onde hoje é a praça havia um enorme casarão, com um grande quintal (as mangueiras existentes na praça testemunham isso). Segundo um colega nosso, de apelido *Baiano*, o casarão foi construído sobre um antigo cemitério. À noite, antes de dormir, ele batia com os pés nas tábuas do chão do casarão, e dava boa noite aos mortos.



O casarão onde dormíamos, em frente ao Lar do Menor. Foi demolido para dar espaço à Praça Major Caetano Dias. À esquerda, parte da atual sede do Sindicato Rural de Diamantino, antiga residência dos bispos.

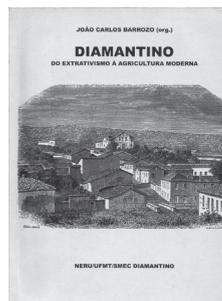
**Leitura** Estes três livros são fundamentais para conhecer a história de Diamantino. Recomendo demais. Infelizmente estão esgotados e faço aqui um apelo para que sejam reeditados.



Autor: Pe. José de Moura e Silva.  
Entrelinhas, 2007.



Autor: Adelino Dias da Silva. Edição do autor, 1993.



Org: João Carlos Barrozo. NERU/UFMT/SMEC, 2002.

**Lembranças** A menina de 12 anos que se casou com um tal de Miguel, que morava na fazenda São João. O sabonete que vi todo roído num banheiro em Alto Paraguai, e não pareciam marcas de dentes de ratos. Pegadas de onça na areia, bem na frente da nossa casa em Amolar. Andar a pé da fazenda até o posto São João, hoje em ruínas, para tomar guaraná. Ir de bicicleta de Amolar até o Caeté para pescar o mais desejado dos peixes, rubafo, mais conhecido como traíra. Caminhar pelo cerrado com minha mãe provando frutas silvestres. O padre, deitado sobre uma enorme mesa, com uma flecha de taquara, quebrada, enterrada na coxa. Delírio meu? Não. Pesquisando descobri que o padre Adalberto Holanda Pereira foi flechado na perna direita, isso em 1967. Minha mãe falando sobre a onça preta que passou perto de onde ela estava, no cerrado, mas o vento, felizmente, estava contrário e ela se salvou.

**Lévi-Strauss** (Claude) Nascido na Bélgica, em 1908, mas de nacionalidade francesa, Claude Lévi-Strauss revolucionou a etnologia (estudo das etnias, dos agrupamentos humanos) ao criar um método original, associando análise estrutural e contribuição psicanalítica para interpretar os mitos, descobrir os grandes sistemas de pensamento e explicar o seu funcionamento social. Passou um longo tempo entre os nambikuaras, ao norte de Diamantino, resultando num livro clássico – *Tristes Trópicos*. Sua obra contribuiu para dar novo sentido às noções de “raça”, “cultura” e “progresso”, estabelecendo um olhar inédito sobre o conjunto do ser humano. Faleceu em 2009. Passou por Diamantino em 1938. Uma parte do seu diário pode ser lida a seguir, relatando o fato retratado na foto abaixo. Veja o estado da estrada Cuiabá–Diamantino, mais parece uma simples picada: “Haviam me garantido que a estrada até Utiariti não nos reservaria surpresas. No entanto, chegando ao alto da serra do Tombador, no lugarejo chamado Caixa Furada, uma engrenagem do



eixo de transmissão do nosso caminhão Ford 34 quebrou. Estávamos a cerca de 30 km de Diamantino; nossos motoristas foram até lá a pé para telegrafar a Cuiabá, de onde se pediria ao Rio de Janeiro que enviassem a peça por avião; um caminhão iria entregá-la a nós assim que a recebessem. Se tudo corresse bem, a operação levaria oito dias; os bois teriam tempo para nos ultrapassar.”

**Linha telegráfica** Na Fazenda Amolar passava a linha telegráfica de Rondon, que ali estive em 1907 pois estabeleceu que o ribeirão Amolar era a nascente mais ao Norte do rio Paraguai. Portanto, a origem do Paraguai não está em Sete Lagoas, mas no Ribeirão Amolar! Lembro-me da passagem de um “guarda-fio”, no final dos anos 1960, a cavalo, checando a linha. Mas se elas já estavam desativadas!? Estaria delirando? Não. Conversei com ele, lembro-me bem. Falou da dificuldade de manter os postes em pé pois os índios, à procura de mel, ao encostar o ouvido nos postes, ouviam o zumbido que o vento fazia, ao tocar a linha. E aquele zumbido parecia barulho de uma colméia de abelhas. Aí os índios derrubavam os postes, a machado, procurando mel. O guarda-linha me contou. Juro que é verdade!

**Lixeira** Uma das árvores mais comuns do cerrado, de pequeno porte, cujo nome científico é *Curatella americana*, sendo às vezes a espécie dominante. Suas folhas duras e ásperas eram usadas pelo sertanejo como lixa (daí o nome) para arear (usando areia) panelas, num tempo em que a palha de aço não era tão popular assim.

**Lobão** Quando criança, tinha muito medo de um tal de “lobão” que vivia pelo cerrado, e que, na época, nunca vi. Talvez por isso, tinha mais medo ainda. Quando cami-

nhava pelo cerrado da fazenda, sozinho, principalmente quando passava perto de uma mata, eu rezava para não topar com o animal. Tempos depois, fiquei sabendo que o tal “lobão” não era tão grande assim, mesmo sendo o maior canídeo brasileiro (os outros canídeos são a raposa do campo, o cachorro do mato, por exemplo). Pois bem, o lobão é o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), um animal inofensivo (claro, quando não acuado), de hábitos noturnos, e que vive a caçar insetos e pequenos animais. Tem as pernas altas para poder andar pelos capins. Muito arisco, pode ser visto com mais facilidade a tardezinha ou no amanhecer. Está ameaçado de extinção e é muito perseguido pela fama de atacar galinheiros. Um belíssimo animal silvestre que, como todos, merece ser protegido.

**Locas** Em frente ao Posto da Serra, um pouco antes da descida da Serra da Caixa Furada, no sentido Diamantino-Cuiabá, existem ainda umas locas enormes, formadas por pedras superpostas, escondidas na vegetação. Por ali, passeávamos com a família nos fins de semana, entrando naquelas locas, verdadeiras cavernas. Hoje fico a pensar: corríamos enormes riscos, pois o local, naquela época, era esconderijo de onças e cobras. Como demos trabalho aos nossos anjos da guarda!

**Lucinda Faquini** (Irmã) Nascida com o nome de Anna Elvira, em Nova Trento (SC), em 1910. Aos 17 anos, entrou na Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição em sua cidade natal, embarcando para São Paulo logo em seguida. Fez os seus primeiros votos aos 20 anos. Dois anos depois voltou a Santa Catarina onde ficou por mais seis anos. Em 1940, a Congregação a enviou para Diamantino. Logo ao chegar perguntou qual era a padroeira da cidade. Quando lhe disseram que era a Imaculada Conceição

ficou muito feliz. Dedicou-se desde então a educação, sendo professora e diretora, a partir de 1961, do Grupo Escolar Major Caetano Dias, onde estudei. Recebeu o título de Cidadã Honorária de Diamantino, numa justíssima homenagem. A Escola Estadual do bairro da Ponte leva o seu nome. Polivalente, muito ativa, professora de música, gostava de organizar corais. Lembro-me bem dela. Como esquecer Irmã Lucinda?! Enérgica, dedicada, exigente. Teve um papel importantíssimo na formação educacional de centenas de diamantinenses. Faleceu na cidade em 1993.



Irmã Lucinda (à esquerda) com a amiga Eva Krancz (1990).



**M**

MIGUEL VON BEHR

**Mãezinha** Nas minhas andanças recentes por Diamantino não encontrei minha ama-de-leite, mas aprendi o significado de uma nova palavra: mãezinha. Me segura na preciosa foto abaixo. Minha mãe dizia que, quando bebê, eu era insaciável. Então me passava para os far-



tos seios de Lídia (ou Lígia), mulher de um trabalhador da Fazenda São João. Como agradecer a ela se, provavelmente, já partiu para alimentar outros anjinhos pelos lados infinitos da via láctea? No livro *A Lenda do Menino Lambari* há um poema pra ela:

lícia ou lídia? / mulher do vaqueiro / ou  
mulher do tratorista? / ama-de-leite / que não  
conheci / só senti / leite preto / leite branco /  
leite bom

**Mafalda** (Princesa) Irmã mais velha do príncipe João von Thurn und Taxis, nascida em 1924, que morou na Fazenda São João durante alguns meses, entre os anos de 1958 e 1959. Fui batizado por ela, minha madrinha, na capela da fazenda. Mamãe conta que as pessoas da região souberam que na fazenda vivia uma princesa e iam lá visitá-la. Quando chegavam, se deparavam com uma mulher simples, esbelta, que usava calça jeans. E que não tinha medo de cobras! Imaginavam certamente encontrar uma mulher coberta de jóias, cercada de servos, usando aqueles vestidos brilhantes, com uma tiara de diamantes na cabeça. A princesa Mafalda (nome da primeira rainha de Portugal) faleceu em 1989.



Princesa Mafalda, destemida amazona, com a sede da Fazenda São João ao fundo (1958).

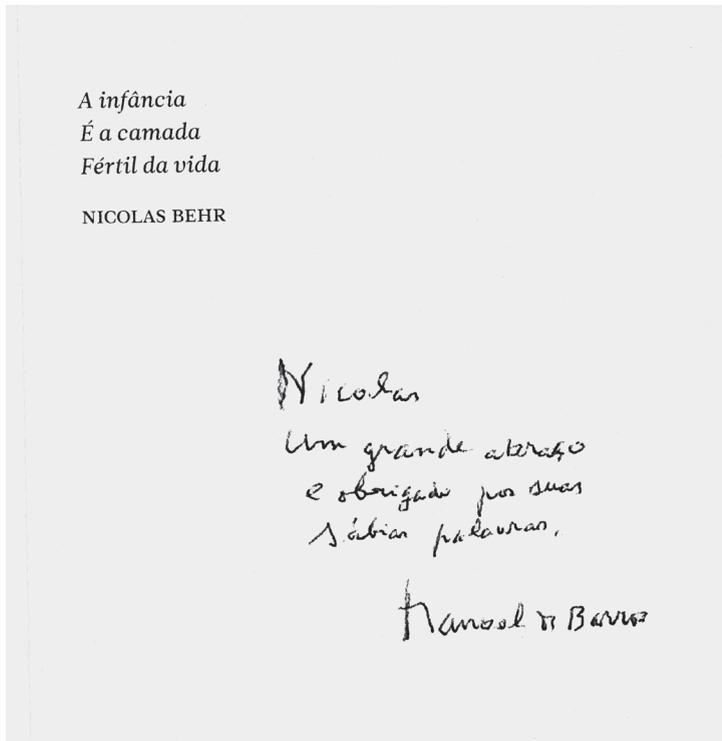


Meu batizado na capela da Fazenda São João. Estou nos braços da princesa Mafalda, à esquerda. À direita, meus pais. De costas, padre jesuíta Jacob Isidoro Schneider. (10/11/1958).

**Manoel** Pai de uma moça, Maria, que trabalhava na casa de Amolar. Chegou lá já velho e praticamente cego. Carpiava e passava o pé para ver se ainda tinha mato na sua frente. Vivia a debulhar milho como na linda foto abaixo. Que fim levou Manoel? Morreu na fazenda? Foi enterrado onde? Ficou esse registro, fruto da sensibilidade de minha mãe em fotografar as pessoas que lhe eram queridas, como o bom Manoel. Para acender o fogo do seu cigarro de palha usava uma ponta de chifre de boi, com algodão dentro. Friccionando uma pedra e um pedaço de metal se formava uma faísca, fazendo acender o algodão e assim, na sequência, acender o seu cigarro. Os fósforos e isqueiros ainda não eram tão populares naquele tempo.



**Manoel de Barros** Em 2003 enviei ao poeta Manoel de Barros (1916-2014), um dos maiores poetas brasileiros, o meu livro *Menino Diamantino*. Tempos depois, recebi uma bela carta do poeta, que reproduzo na próxima página. Oito anos depois, o também cuiabano Manoel publica o livro *Escritos em verbal de aves* no qual ele usa um dos poemas do meu livro como epígrafe, reproduzido abaixo e autografado. Foi, certamente, um dos maiores prêmios que recebi.



Abertura do livro “Escritos em verbal de ave”, de Manoel de Barros,  
Texto Editores Ltda; Grupo Leya, São Paulo, 2011.

Campo Grande, 8. 9, 2003

Meu caro poeta

Nicolas Behr

Lá encantado o seu Diamantino.

Muito obrigado pelas emoções que

voce me deu. A infância é uma pátria

mesmo - como lá disse - Rilke.

O livro todo é lindo e os seus

filhos tão lindos. No Ribeirão

do Ouro: Oiver é tirar pedras do

lugar / recordar e tentar relocali-

gar de volta. Já você está fazendo

com os encantamentos de poeta.

Muito obrigado pelos presentes.

Agora também sou amigo do Jordão.

Onth andaré esse Inácio? (D)

Prezido me enriquecer menos.

Não sei por quê? Ou sei?

Grande fraternal abraço

Transal do Barros

Carta que o poeta Manoel de Barros me enviou quando recebeu o livro Menino Diamantino.

*Campo Grande, 8.9.2003.*

*Meu caro poeta*

*Nicolas Behr*

*Li encantado o seu Diamantino. Muito obrigado pelas emoções que você me deu. A infância é a nossa pátria mesmo, como lá disse Rilke.*

*O livro todo é lindo e seus filhos tão lindos. No Ribeirão do Ouro: Viver é tirar pedras do lugar / recordar é tentar recolocá-las de volta. Isso você está fazendo com os seus encantamentos de poeta. Muito obrigado pelo presentão. Agora também sou amigo do Inácio. Onde andaré esse Inácio? O Poesília me enriqueceu menos. Não sei por quê? Ou sei?*

*Grande fraterno abraço*

*Manoel de Barros*

**Mário Ferreira Mendes** Nasceu em 1903, em Cáceres, vindo a falecer em 1989. Prefeito de Diamantino de 1942 a 1945 e professor de geografia. Foi também advogado provisionado, isto é, sem formação acadêmica profissional em direito. Recebeu da Ordem dos Advogados do Brasil autorização para exercer a função em primeira instância. Casado com a professora Castorina Sabo Mendes, teve onze filhos. Sempre foi muito ativo na vida administrativa da cidade, com grande participação pública. Tive a oportunidade de conhecê-lo. Vestia-se sempre com muita elegância e dedicou-se à educação dos seus filhos e filhas. Avô do ministro Gilmar Ferreira Mendes.



**Marzavão de Siqueira (Dr)** Um dos heróis (de verdade) da minha infância. Homem de grande valor que Alto Paraguai e Diamantino souberam reconhecer. Nome de hospital, de centro de reabilitação, de posto de saúde e nome de rua. Nascido no ano de 1927 em Cuiabá, o Doutor Mazavão (como era conhecido, sem o “r”) foi um médico que salvou muitas vidas e não media sacrifícios para atingir seus objetivos humanitários. Estudou na Universidade Federal Fluminense e chegou a Alto Paraguai em 1954. Foi casado com Geralda Souza de Siqueira (Dona Santinha) e teve dois filhos: Tânia, psicóloga, e Paulo, médico-pediatra. Quando



criança, ao visitar Amolar, eu ficava encantado com os relatos sobre suas viagens noturnas, muitas vezes a cavalo, para atender doentes nos rincões de Diamantino e região. Faleceu em 2003. Que Deus o tenha.

**Miguel von Behr** Meu irmão mais velho é mineiro de Uberaba, onde nasceu em 1957, chegando ainda bebê à Fazenda São João. Estudou comigo o primário no Lar do Menor, em Diamantino. Fez o ginásio em Cuiabá, na Escola Técnica Federal de Mato Grosso, e o então científico em Brasília, no Colégio Pré-Universitário, atual Sigma. Em 1977 foi para Santos estudar arquitetura, formando-se em 1981.



Da esquerda para a direita: Alexander Estermann, Miguel, Niki e Peter Estermann, em Amolar (1967). Os Estermann são filhos de Frederico e Sibylle, da Fazenda São João.

Desde 1982, atua na área ambiental. Entre outros lugares, residiu em Imbituba, litoral sul de Santa Catarina, onde foi analista ambiental na Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca, funcionário do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Tem dois filhos, Michel e Hugo. Já publicou sete livros de fotografia sobre a natureza, história e cultura brasileiras. Atualmente trabalha no Ministério do Meio Ambiente, em Brasília.

**Modinha** Meninos, felizes, inocentes, indo ou vindo das pescarias cantávamos esta música: “curimbatá, lambari mandou dizê / que a piaba tá doente / com saudade de ôce”. Cantávamos com tanto afinco, com tanto ardor, que, assim, nós fazíamos o milagre da multiplicação dos peixes nos nossos anzóis.

**Mineiro** José Pereira dos Santos saiu aos 20 anos de Minas Gerais indo para o Acre. Mas ficou pouco tempo lá, tomando logo a decisão de ir para Mato Grosso. Por acaso, parou no antigo Posto São João, hoje desativado, na BR 364, entre o Posto Gil e a Fazenda Amolar. O posto de gasolina pertencia ao Príncipe João von Thurn und Taxis, dono da Fazenda São João, onde foi trabalhar. Queria ser vaqueiro mas foi colher pimenta-do-reino. Com o apoio do gerente Frederico Estermann e da sua esposa Dona Sibylle, logo foi contratado como retireiro, cuidando de vacas parideiras. Nesse tempo se casou com Izabel, que lhe deu 5 filhos. Nos anos 80 o Príncipe Gundakar von Liechtenstein comprou a Fazenda Aterrado (ver página 166) e pediu ao Sr. Frederico que lhe indicasse uma pessoa de confiança para ser o gerente geral da nova propriedade. Contratado, Mineiro aprendeu a dirigir com o novo patrão. Depois de 34 anos trabalhando na Fazenda Aterrado, o nosso personagem é hoje conhecido em toda a região como “o Mineiro do Gundakar”.



**N**

**NILDE ALVES MENDES**

**Nilde** Alves Mendes (Dona) Nasceu em Diamantino em 1932. Esposa do prefeito Francisco Ferreira Mendes e mãe de Gilmar, Moacir, Maria da Conceição e Francisco Ferreira Mendes Junior. Nos meus tempos de infância em Diamantino, Dona Nilde tinha uma pensão e um restaurante em frente à atual sede do INCRA. Caridosa, nunca negava um prato de comida para os viajantes famintos e sem dinheiro que por Diamantino passavam em direção aos garimpos de Alto Paraguai. Dona Nilde sempre foi muito amiga da minha mãe. Religiosa, incansável, bondosa, trabalhadora, rígida, mas sempre de bom humor. Inúmeras vezes fui hóspede em sua casa durante minhas visitas a Diamantino. Faleceu em 2007. Um poema dedicado a ela, *Dona Nilde no céu*, está no meu livro *A Lenda do Menino Lambari*:

antes de se sentar / entre os bem-aventurados / são pedro  
se aproxima de dona nilde / e diz: “aqui é o céu, dona  
nilde / deixa que a gente mesmo / se serve / e que de  
amanhã em diante / o seu sorriso / seja o nosso alimento” /  
e assim se fez

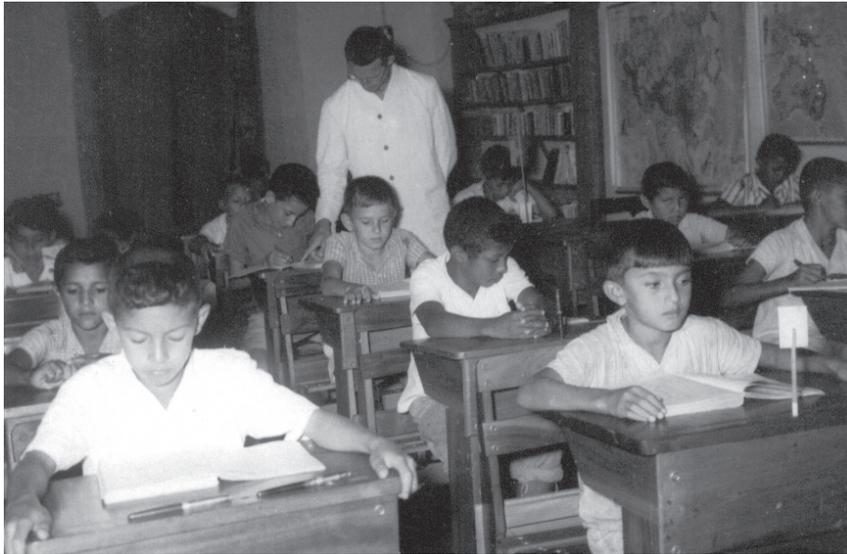


**O**

ODETE VIEIRA DE BARROS

**Odete Vieira de Barros** Nasceu em Diamantino em 1937, foi casada com Nei Vanni de Barros (*in memoriam*) com quem teve cinco filhos. Iniciou a sua carreira profissional como Professora no Internato Santa Terezinha das Irmãzinhas da Imaculada Conceição. Tempos depois passou a ministrar aulas no Grupo Escolar Major Caetano Dias, como atesta o meu boletim ao lado, assinado por ela e pela Irmã Lucinda Faquini, em 1967. Foi também bibliotecária na Escola Estadual Plácido de Castro. Fundamental na história da educação em Diamantino, a Professora Odete (com “P” maiúsculo) deixa um legado de profissionalismo e dedicação, sempre na lembrança dos seus muitos alunos e alunas. Hoje está aposentada.

**Ovo de pomba** Ouvi esta história quando criança. Certa vez um jovem negro que caminhava pelos garimpos de Alto Paraguai encontrou, por acaso, à flor da terra, no meio do pedregulho, um diamante do tamanho de um ovo de pomba. Vendeu a pedra preciosa em Alto Paraguai por, quantia equivalente hoje, digamos, a 10.000 reais. O comprador a levou para Cuiabá onde conseguiu vendê-la por 100.000 reais. Seguindo para o Rio de Janeiro foi lá comercializada por 500.000 reais. E de lá a pedra seguiu para a Europa. Sempre me impressionou o fato de contarem essa progressão matemática do valor da pedra.



**ANO DE 1967**

Grupo Escolar Abel Bastano Dias grau \_\_\_\_\_

Aluno Nicolas Van Becker N° de mat. 241

Mês	Compor- tamento	Aplicação	Compare- cimentos	Faltas	Aprovei- tamento	Assinatura do Responsável	CAIXA ESCOLAR	
							Cruzeiros	Rúbrica
Março								
Abril	9	4	24	-		Mestre Renato		
Mai	7	4	24	-		Mestre Renato		
Junho	8	5,5	24	-		Mestre Renato		
Agosto	6,5	6	25			Mestre Renato		
Setembro	7	6	24			M. Renato		
Outubro	7,5	6,1	23	-		M. Renato		
Novembro	8	6,3	23					
Dezembro								

Eliminado em \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / 19\_\_\_\_ por \_\_\_\_\_

Odete V. Barros PROFESSOR      Simone Lucinda Taguini DIRETOR





**P**

PAI (ANATOL VON BEHR)

**Palmeiras** No vastíssimo reino das plantas me especializei em palmeiras, essas belas representantes do mundo vegetal. São as maiores monocotiledôneas que existem, do mesmo grupo da grama, do arroz, do milho, da orquídea e da cana-de-açúcar. Não produzem raízes fortes e profundas, pivotantes, como as dicotiledôneas. As raízes das palmeiras são em forma de cabeleira, o que facilita muito o seu transplante. Existem no mundo mais ou menos 2.200 espécies de palmeiras, sendo que, no Brasil, temos cerca de 200, e, na região de Diamantino, ocorrem quase 10% destas. Sim, temos 18 espécies de palmeiras, listadas abaixo. (Se alguém souber de mais alguma, por favor, me avise).

**Açari** ou palmitreiro (*Euterpe precatoria*) Palmeira solitária, isto é, não solta filhotes. Só ocorre nas matas, explorada de forma extrativista para a produção de palmito, o que deveria ser proibido, pelo baixo rendimento e por ser uma palmeira rara na região. Seus frutos são avidamente procurados pela avifauna, principalmente tucanos. Não confundir esta palmeira com o açaí-do-pará, que solta filhotes laterais e só ocorre na foz do rio Amazonas.



**Acuri** (*Attalea phalerata*) Palmeira de tronco curto e grosso, suas sementes, mostradas na foto acima, são muito procuradas por pacas, cotias e outros roedores. Também consumida pelo gado, por macacos e até por araras. Deu origem ao nome da cidade Acorizal, local de muito acuri, ou acori. O fruto verde desta palmeira é o preferido pelos seringueiros para defumar a borracha.

**Babaçu** (*Attalea speciosa*) Palmeira muito comum na região, juntamente com o buriti e a bocaiúva. Planta de grande utilidade para o morador da área rural, pois sua semente produz óleo comestível e suas folhas servem para

coberturas de casas. Vistas de longe parecem grandes vassouras em pé. Uma curiosidade: as flores do babaçu, no momento da polinização, aumentam sua temperatura em até 4 graus em relação ao ambiente.

**Bacaba-de-leque** (*Oenocarpus distichus*) Fácil de ser reconhecida, pois suas folhas formam um leque, como um abanador. Ocorre sempre no interior das matas, com sua copa acima das árvores. É rara na região de Diamantino. Também chamada de “palmeira norte-sul”, pois, segundo a crendice popular, ela está sempre indicando estes pontos cardeais. Ainda segundo essa teoria, a planta teria a capacidade de girar sobre seu próprio eixo para acertar a “posição”. Acredite se quiser!

**Bocaiúva** (*Acrocomia aculeata*) O mesmo que macaúba, esta palmeira, muito comum na região, produz um fruto cuja polpa, amarela, é deliciosamente comestível. Na região de Diamantino, ocorre a variedade *totai*, que vem desde o Paraguai e passa pelo Pantanal, tendo sido dispersa pelos índios. Nos meus tempos de criança em Diamantino as bocaiúvas mais saborosas eram as do cemitério. E como só podíamos entrar lá em enterros, ficávamos atentos aos óbitos. Hoje, restam lá uma ou duas bocaiuveiras solitárias.

**Buriti** (*Mauritia flexuosa*) O buriti todos conhecem. Esta planta maravilhosa está sempre presente em lugares alagados, onde formam as chamadas veredas. É utilíssima na vida do sertanejo. Seus frutos são muito apreciados por humanos e pela fauna em geral. Juntamente com o pequi, é a maior fonte de vitamina A no Cerrado. Os troncos mortos servem para ninhos de diversas espécies de aves. Diz o ditado popular: “Onde tem buriti, tem água”. E tem mesmo.



Bacaba-de-leque. Ilustração Therese von Behr.

**Buritirana** ou carandá (*Mauritiella armata*) Conhecida também como buriti-de-espinho, pode ser vista nas margens dos rios ou locais mais úmidos. Em tupi-guarani significa falso buriti, pois o sufixo *rana* quer dizer falso. Daí os nomes pupunharana (falsa pupunha), açairana (falso açai), suçuarana (falsa onça), tarumarana (falsa tarumã).



Bocaiuva. Ilustração Therese von Behr.

**Coco-de-raposa** (*Syagrus petraea*) É a menor palmeira do Brasil. Rasteira, quase imperceptível entre os capins. Quando criança, na Fazenda Amolar, amarrávamos folhas de duas palmeiras próximas, para que quem passasse entre elas tropeçasse e caísse. Indo ou vindo das pescarias gostávamos de comer o palmitinho que ela tem, arrancando a gema apical (olho) da palmeira para comê-la. E, conseqüentemente, sem saber, matando-a.



Buritirana. Ilustração Therese von Behr.

**Gavirova** ou catolé (*Syagrus comosa*) Prefere áreas rochosas, sendo relativamente comum nesses habitats. Infelizmente ainda se explora, de forma predatória, o palmito desta palmeira, de difícil reprodução. Isto deveria ser proibido.

**Guaricanga** ou Ouricanga (*Geonoma* sp) Ocorre no interior das matas, nos locais alagados. É rara. Uma das mais belas palmeiras brasileiras, pela sua graça e delicadeza na distribuição das folhas, pela elegância do porte. Ao adentrar uma mata, observe.

**Guriri** ou ariri (*Allagoptera campestris*) Pequena palmeira, sem caule, que ocorre nos campos, como denuncia seu nome científico. O cacho parece uma espiga de milho, pela disposição das sementes, sendo avidamente disputadas pelos animais silvestres de pequeno porte, pois ficam no nível do solo.

**Indaiá** (*Attalea geraensis*) Também conhecido como babaçu-rasteiro, tem tronco subterrâneo e cacho de frutos rente ao chão. Ocorre em áreas abertas de cerrado, em terrenos arenosos, formando grupos bastante expressivos. Seus frutos são muito parecidos aos do babaçu, com as mesmas utilidades.

**Iri** (*Syagrus flexuosa*) Ou coco-babão, ou, ainda, co-co-de-catarro. De troncos múltiplos, levemente arqueados, chegando a 5 metros de altura. Os frutos têm polpa comestível, adocicada e aromática, fibrosa e amarela, atraindo a atenção não só do homem mas de uma infinidade de animais, de gambás a tatus. Um fato curioso que me contaram em Diamantino: jabotis têm o hábito de bater violentamente o casco contra os troncos, com a intenção de fazer os coquinhos caírem. Será? É ver pra crer.

**Siriva** (*Bactris macana*) É um tipo de pupunha, com a diferença de ser solitária e não entouceirada. Produz o melhor arco para os indígenas, pois verga e não quebra. Agora uma pergunta: antes que os europeus lhes dessem machados ou facões, como os índios cortavam a siriva e dividiam o tronco para produção dos arcos? Usando pedras cortantes, provavelmente de sílica.

**Tucum** ou tucumã (*Astrocarium vulgare*) Palmeira comum na região, ocorrendo na borda das matas e beiras

de rios formando touceiras, coberta por espinhos negros que chegam a medir quase 20 centímetros (um palmo de comprimento!). O cacho tem posição ereta e os frutos são avidamente consumidos pela fauna. Das folhas novas do tucum se extrai uma excelente fibra para redes e fios de pesca ou para os arcos dos indígenas.

**Tucum-mirim** (*Astrocarium campestre*) Não é fácil encontrar o tucum-rasteiro, como também é conhecido, pois está sempre bem camuflado entre os capins do Cerrado. O cacho de frutos fica bem rente ao solo, amarelos quando maduros e bem cheirosos, atraindo uma grande variedade de animais silvestres, principalmente os de pequeno porte.



**Tucum-roxo** (*Bactris glaucescens*) Também conhecida como tucum-do-vinho, esta palmeira espinhosa, com até 5 m de altura, forma touceiras muito densas. Frutos de cor negra quando maduros, com polpa suculenta, doce e comestível. Ocorre na borda de florestas e cerrados abertos, sempre em lugares muito úmidos ou temporariamente inundados. Identificável pela coloração acizentada-azulada das folhas.

**Papa Negro** Certa vez fomos ao aeroporto (o antigo, que não existe mais, no hoje bairro de São Benedito ) receber o Superior Geral da Companhia de Jesus, o basco (como Santo Inácio de Loyola, fundador da ordem dos jesuítas) padre Pedro Arrupe, conhecido como “Papa Negro”, pelo seu poder e pela batina escura que usava. Lembro-me bem que formamos, ainda no antigo aeroporto, um pequeno coral e cantamos para ele numa tarde perdida no tempo, nos idos de 1967. No meu livro *Menino Diamantino* um poema relembra o fato:

o papa negro desceu do aviãozinho branco / aviãozinho  
que veio lá do céu azul / a poeira amarela sobe da terra  
vermelha / as freiras de branco / os padres nem tanto /  
o verde dos morros é o verde mais triste / nosso canto  
de notas coloridas derrama pinceladas sonoras na tarde  
diamantina / o papa negro nos saúda na cor inexistente



Padres João Salarini, José Lago da Rocha, Teodoro Weber, Pedro Arrupe e José de Moura e Silva (1967).



**Papagaios** Em Amolar tínhamos dois papagaios que falavam alemão. Isto é, repetiam frases que mamãe dizia, como esta: *kindakomessen* (Kinder komt essen!) que significa “crianças, venham comer”.

**Paranistas** Nome que se dava aos comerciantes que viajavam do Pará (Santarém) até Diamantino, e vice-versa, levando diamante, ouro, guaraná e trazendo roupas, armas, sal... A viagem era muito difícil, feita em batelões (canoas grandes) que tinham que vencer corredeiras e cachoeiras, quando eram transportados pelas matas laterais. Saíam de Diamantino pelo rio Preto, pegando o Arinos, e, depois de meses de viagem, aportavam em Santarém. Na volta, a chegada dos paranistas em Diamantino era saudada com tiros no Morro do Caramba. Em 1856, com a liberação da navegação pelo rio Paraguai, as mercadorias passaram a vir diretamente de Cuiabá, levando ao fim da atividade dos paranistas. Uma viagem dessa, hoje, com todo o apoio logístico, já é muito arriscada, imagine naquele tempo.

**Perfume** Quando passava as férias na fazenda, sempre bem cedinho eu ia ao curral acompanhar quem tirava o leite. Ficava ali de copinho na mão, do lado de fora da cerca, sentindo aquele cheirinho gostoso de esterco de gado. Cheirinho que só quem foi menino de roça, como eu, sabe apreciar. Embalado pela música dos jatos de leite no fundo do balde de estanho, gostava mesmo era de beber a espuma. O leite eu derramava nos buracos (suspiros) dos cupinzeiros ali perto. Os vaqueiros não gostavam quando mamãe ia com a gente. Segundo eles, mulher em curral dá azar.

**Ponte de Pedra** Trata-se de uma formação rochosa que foi erodida pelo rio Sucuruína, da Bacia Amazônica, formando uma ponte e transformando-se num interessantíssimo fenômeno natural. O lugar é reivindicado pelos índios parsi como local sagrado. Pouquíssimo explorado como atrativo turístico, pela dificuldade de acesso, a Ponte de Pedra dista cerca de 160 quilômetros de Diamantino.



**Q**  
QUEBRA-CANELA

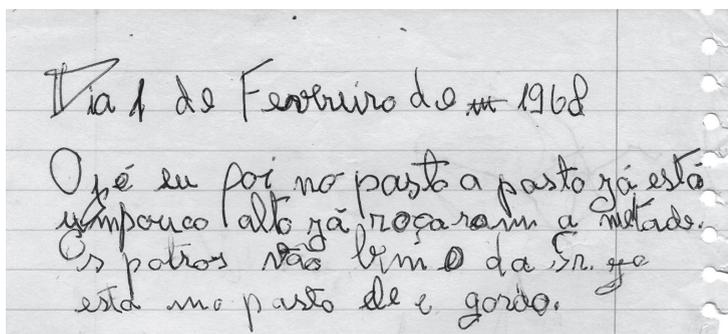
**Quatrocentos e um** Número de habitantes da cidade de Diamantino, quando da chegada dos padres jesuítas, em 1931. Segundo o cálculo dos padres, cerca de 3.000 pessoas habitavam a Prelazia, que naqueles tempos abarcava todo o norte de Mato Grosso. Devido às enormes dificuldades de acesso às aldeias, nessa contagem não eram incluídos os muitos indígenas, arredios, espalhados no vasto território. Portanto, se não fossem os padres jesuítas, Diamantino provavelmente teria simplesmente desaparecido do mapa.



**Quebra-torto** Antigamente os trabalhadores rurais iam para o campo bem cedo, logo ao amanhecer, só com um gole de café ou de guaraná ralado. Voltavam lá pelas 9 horas para “tirar o torto”. Isto é, comer uma refeição reforçada, com ovo frito, arroz com pedaços de carne e farofa. Para assim, quebrarem o torto e permanecerem retos até o almoço (em Portugal se chama mata-bicho).

**Quebra-Canela** Uma das mais belas serras de Diamantino, de onde se tem uma vista exuberante e panorâmica dessa belíssima região.

**Querosene** Trabalhou na Fazenda Amolar por um tempo, de empreita, roçando os pastos, um negro, baiano, muito forte, cujo nome não sei. Certa vez trouxe pedaços de uma carne branca numa folha de bananeira, pois tinha matado uma jibóia e queria que nós a comêssemos. Comemos. Disse que era peixe. Tinha o estranho hábito de pingar sobre os dentes podres a querosene das lamparinas da casa, que minha mãe precisava manter escondidas. Assim ele aliviava suas dores de dente. Sempre muito quieto e sozinho, roçava o pasto cantando.



Dia 1 de Fevereiro de 1968  
O que eu foi no pasto a pasto já está  
um pouco alto já roçaram a metade.  
Os patos não limo da Sr. Jo  
está no pasto de e gordo.





**R**

RAIMUNDO KRANCZ

**Raimundo (Rajmund) Krancz** O primeiro médico de Diamantino nasceu na Hungria em 1901. Em 1930, graduou-se em Medicina em Budapeste. No ano de 1934, fez pós-graduação em Cirurgia e Obstetrícia e Ginecologia na Alemanha. Em 1938, foi eleito deputado e permaneceu no cargo até a invasão russa em 1945. Se casou com Eva Kadnár em 1942, com quem teve três filhas: Ildikó, Györgyi e Enikó. Ao final da Segunda Guerra Mundial emigrou para a Áustria onde trabalhou como cirurgião-chefe do exército britânico. Em Viena, no Departamento de Emigração, recebeu convite dos jesuítas para trabalhar em Diamantino, chegando à cidade em 1949. Além da população de Diamantino e das fazendas vizinhas, Dr. Krancz atendia em Rosário Oeste, Alto Paraguai e outras cidades próximas. A maioria desses pacientes eram pessoas muito pobres. Dr. Krancz os atendia sem requerer pagamento. Nunca teve dia de folga ou férias, e, logo, sua reputação de pessoa generosa e humanitária se espalhou. Exemplo de dedicação, muito querido em toda a região, ficou conhecido como “Doutor Deus lhe pague”. Socorreu meu pai, gravemente doente, salvando-lhe a vida. Anatol foi

vítima da “febre biliosa haemoglobinurica” (em alemão Scharzwasserfieber – que quer dizer: febre da água preta, pois o doente literalmente urina sangue, sendo uma das conseqüências mais perigosas da malária). Em 1959, a esposa do Dr. Krancz foi diagnosticada com câncer. Em 1960, a família se mudou para São Paulo, capital, para o tratamento. Durante alguns anos o Dr. Krancz passava parte do seu tempo em Diamantino e parte em São Paulo. Em 1965, Dr. Krancz mudou-se definitivamente para a capital paulista, onde passou a atender idosos da Casa de Caridade da colônia húngara, sem remuneração. Em 1990, o então prefeito de Diamantino, Wilson Falcão, homenageou o médico pioneiro inaugurando uma avenida com seu nome em Novo Diamantino, que foi, infelizmente, extinta e renomeada. Um absurdo! A Sra. Krancz e suas filhas foram convidadas para a inauguração, quando ela recebeu, em nome do marido, o título de Cidadão Honorário *in memoriam*. Faleceu em 1974. Descanse em paz, Dr. Krancz. O Sr. combateu o bom combate.





Da esquerda para a direita: Padre João Evangelista Dornstauder, Ildikó Krancz, Dr. Krancz, cacique Uaigma, dos índios canoeiros, da tribo Rikbaktsa, a esposa Eva, Györgyi, e a caçula Enikó Krancz.

**Rasqueado** A definição, segundo o dicionário, é: arrastar as unhas ou um só polegar sobre as cordas sem as pontear. O rasqueado cuiabano traz em sua história o final da Guerra do Paraguai. Muitos prisioneiros e refugiados paraguaios não retornaram ao seu país, integrando-se com as populações ribeirinhas, especialmente da margem

direita do rio Cuiabá, onde hoje está a cidade de Várzea Grande. Esta integração influenciou costumes, linguajar e principalmente danças folclóricas, como por exemplo, a polca paraguaia e o siriri. Da fusão das duas nasceu o pré-rasqueado, que se limitou aos acordes do siriri e cururu, devido ao seu desenvolvimento na viola-de-cocho, recebendo outros nomes como liso, crespo, rebuça-e-tchuça, mela cueca. Hoje o rasqueado participa de festas juninas, carnaval ou qualquer manifestação cultural dos ribeirinhos mato-grossenses.

**Revirado** Quem nos passa a receita desta iguaria local é Conceição Mendes França. Primeiro é preciso temperar carne moída com alho, sal e pimenta-do-reino, cozinhando tudo. Misture farinha aos poucos, sem deixar secar (se secar vira farofa!). É consumido levemente úmido, acompanhado de banana e limão. Bom apetite!

**Rola-bosta** É um tipo de inseto (*Coleoptera - Scarabaeinae*) muito útil na reciclagem de nutrientes, comum em todo o mundo, inclusive em Diamantino! Existem comunidades gigantes de rola-bosta na África que usam fezes de elefantes! Eles (macho e fêmea) localizam fezes, fazem uma bola com o esterco (muitas vezes bem maior do que eles) e vão empurrando, de ré, até um local propício, onde a enterram. Nessa bola, a fêmea deposita seus ovos. Dessa forma, ela garante alimento para suas futuras larvas. Esses besouros têm grande importância ecológica, pois as bolas de esterco enterradas vão adicionando matéria orgânica ao solo. Por isso, quando vir um besouro rola-bosta por aí, agradeça. Ele está enriquecendo o seu solo! Não é uma maravilha a natureza? Basta observar!



Marechal Rondon. Acervo Beatriz Rondon Amarante

**Rondon** Diamantino foi um importantíssimo ponto de apoio da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, mais conhecida como “Comissão Rondon”. O então coronel Cândido Mariano da Silva Rondon, descendente de índios bororo e terena, esteve pela primeira vez em Diamantino em 1907, quando instalou na cidade uma estação telegráfica, base para as estações de Parecis, Ponte de Pedra, Barão de Capanema e Utiariti. Esta última distando cerca de 280 quilômetros de Diamantino. Entre 1907 e 1915 a Comissão Rondon instalou a linha tronco através de 1.280 quilômetros e vinte estações telegráficas. Com o uso cada vez mais generalizado do rádio como meio de comunicação, as linhas telegráficas foram lentamente sendo substituídas a partir dos anos 1930. Já em meados dos anos 1950 as linhas telegráficas começaram a ser abandonadas. Rondon e seus bravos companheiros prestaram um serviço da maior importância para o Brasil, integrando uma vastíssima região ao restante do país.



**Rosa** Moça que cuidou do meu irmão menor, Henrique, por cerca de quatro meses, em Amolar, enquanto minha mãe estava em Cuiabá, no hospital, gravemente doente (ver página 156). Isso foi em 1967. Quando minha mãe voltou para a fazenda, Henrique, que chamávamos Tulu, estranhou nossa mãe, só querendo comer pelas mãos de Rosa. Queria neste verbete agradecê-la pela extrema dedicação e lealdade, esteja onde estiver.

**Ruas** A atual rua Almirante Batista das Neves foi até meados dos anos 1970 a via mais importante de Diamantino, tanto que era chamada de rua do Comércio. A rua Candido Mariano, antes chamada de rua da Estação, era conhecida por esse nome pela bela estação telegráfica ali instalada por Rondon, em 1907. Depois, virou agência dos Correios, até ser, infelizmente, demolida. No futuro, baseado na foto abaixo, será certamente reconstruída, no mesmo lugar. Quem viver, verá. E, finalmente, a rua da Igreja ou da Matriz, a atual Monsenhor du Dréneuf, onde havia os casarões mais tradicionais de Diamantino. Restam apenas alguns.





*Sibylle Estermann*

Unterschrift des Passinhabers  
Signature of bearer  
Signature du titulaire

Es wird hiermit bescheinigt, daß der Passinhaber die im Lichtbild dargestellte Person ist und die Unterschrift darunter eigenhändig vollzogen hat.  
It is hereby certified that the bearer is identical with the person on the photograph and that the signature has been given in his own hand.  
Il est certifié que le titulaire est la personne représentée par la photographie ci-dessus et que la signature est autographe.



São Paulo den 13. Mai 1966  
the / le

Im Auftrag *Dulger*  
Unterschrift / Signature / Signature

Nr. B 8783999

3

# S

SIBYLLE ESTERMANN

**Sapo** Não é um sapo aquele animalzinho que tão logo chove, começa a coachar pelas ruas umedecidas de Diamantino. É uma rã-pimenta, ou papudinho, como uma criança me ensinou. O nome científico, universal, é *Leptodactylus labyrinthicus*. Saltam até 1,5 m de distância, têm a pele lisa e úmida e preferem os ambientes aquáticos, como margens de rios e lagoas. É uma alegria ouvi-los pelas ruas de Diamantino depois da chuva. Já os sapos vivem mais em terra firme, são maiores e pulam desajeitadamente. Pererecas têm os olhos esbugalhados, saltam até 2 m de distância, muitas vivem nas árvores e tem aquelas ventosas nas pontas dos dedos, que permitem que subam em paredes. Vivendo e aprendendo! Rã não é sapo, viu?

**Schimitinho** Apelido do vaqueiro da fazenda Amolar, cujo verdadeiro nome é João Francisco Alves da Guia. Ele tinha mania de dizer sempre “É schimiti! É schimiti!” quando alguma coisa realmente era boa e funcionava. Tempos depois, descobri que a origem da expressão vem da marca de revólver norte-americana Smith & Wesson, muito usada pelos garimpeiros da região. Ter uma arma dessa era

símbolo de status e poder. Schimitinho, que não andava armado, selava o cavalo para a gente montar. Na bela foto abaixo, nós dois a cavalo, prontos para conquistar o mundo.



**Segura na mão de Deus** É a minha canção de missa preferida, desde criança em Diamantino até hoje, adulto em Brasília.

“Se as águas do mar da vida quiserem te afogar / Segura na mão de Deus e vai / Se as tristezas desta vida quiserem te sufocar / Segura na mão de Deus e vai // Segura na mão de Deus, segura na mão de Deus / Pois ela, ela te sustentará / Não temas, segue adiante e não olhes para trás / Segura na mão de Deus e vai // Se a jornada é pesada e te cansas da caminhada / Segura na mão de Deus e vai / Orando, jejuando, confiando e confessando / Segura na mão de Deus e vai // O Espírito do Senhor sempre te revestirá / Segura na mão de Deus e vai / Jesus Cristo prometeu que jamais te deixará / Segura na mão de Deus e vai “.





**Seminário** Tinha o nome de Seminário Jesus Maria José, quando de seu funcionamento, de 1965 a 1969. Foi reaberto em 2000 pelo padre Reinaldo Braga Jr, seu primeiro reitor, com o novo nome de Seminário Diocesano Jesus o Bom Pastor. Construído pelos padres jesuítas no início dos anos 1960, ocupa uma área de 92 hectares, nas nascentes do Ribeirão do Ouro. No pequeno cemitério, muito bem cuidado, estão enterrados padre João Bosco Penido Burnier, assassinado na região do Araguaia em 1976, entre outros padres e irmãs.

**Seputá** No restante do Brasil se chama saputá (*Sallacia elliptica*) mas que o diamantinense insiste, orgulhoso, em nomeá-la como seputá. Fruta muito apreciada e, hoje, relativamente rara, pois ocorre nas beiras de rios que estão sendo desmatadas. O diamantinense I'talo Fioravanti Sabo Mendes, desembargador federal em Brasília, trouxe sementes da fruta de Diamantino e plantou uns pés em sua casa, com boa produção. Já fiz muitas mudas desses frutos. Isso tem um simbolismo muito grande: onde o homem vai ele leva tudo que faça lembrar seu torrão natal. Eu, por exemplo, tenho um legítimo paralelepípedo de Diamantino na minha estante, junto dos livros sobre a cidade, e estou vendo-o agora enquanto escrevo este verbete.

**Siriri** É uma das danças mais populares do folclore mato-grossense. Praticada na cidade e na zona rural, tem presença indispensável em festas, batizados, casamentos e festejos religiosos. É uma dança que lembra celebrações indígenas. Praticado por homens, mulheres e até crianças, numa coreografia bastante variada e sem uma interpretação definida. A música é simples, falando de coisas da vida, desde o nascimento, família e a presença de amigos. Os tocadores são também os cantadores e quem dança também faz o coro. As vozes são estridentes, entoam tristeza e nostalgia nas melodias e alegria e descontração nas canções de festejo. Contagante, quem a assiste logo quer entrar também na dança. O nome provem de uma palavra portuguesa ou, mais provavelmente, se refere ao nome de um cupim de asas que tem o vôo parecido com os passos da dança.

**Serra Calçada** Verdadeiro monumento histórico, trata-se de uma estrada íngreme, que sobe a o Morro do Paraguaizinho, toda coberta de pedras, isto é, calçada. Belo atrativo turístico

de Diamantino, que, felizmente, começa a ser explorado. Já há, pelo menos, uma placa bem visível indicando sua entrada. Distante exatos 12 km da Igreja Matriz, para chegar à Serra Calçada, basta pegar a estrada velha de Diamantino para Alto Paraguai. Depois de uns 4 quilômetros da ponte do rio Vermelho, à esquerda, está a entrada para a Serra Calçada, caminho de tropeiros, já perto do rio Paraguai. Não se sabe quando foi construída, talvez no início do século XIX. A prefeitura de Diamantino deveria desapropriar a área e transformá-la num belo Parque Ecológico Municipal, garantindo assim a preservação da Serra Calçada e seu entorno, com aqueles babaçuais, tão característicos da região.

**Soja** Quando saí de Diamantino, em 1968, aos 10 anos de idade, não havia, ainda, um só pé de soja (*Glycine max*) em toda a região. A mais plantada das oleaginosas do mundo, de origem chinesa, só chegaria a Diamantino cerca de dez anos depois. Seus efeitos na paisagem de Mato Grosso e na vida econômica do município foram muito impactantes, para não dizer devastadores. Porém, não há como negar que a soja trouxe progresso, a um custo ambiental altíssimo, que todos teremos que pagar, mais cedo ou mais tarde.

**Sonhos** Assim como nós sonhamos em ganhar na Mega-sena, os garimpeiros também sonham com “a pedra que brilha como estrela”. Dependendo da “interpretação”, os sonhos podem significar a sorte grande ou um imenso azar. Se o garimpeiro sonhar com um boi à distância, é diamante certo, mas demorado. Se lutar com o boi durante o sonho, o esperado diamante sairá na primeira lavagem. Sonhar com desafios, como nadar contra a corrente ou ficar na pindaíba, é bom sinal. Sonhar com situação muito boa ou encontrar diamante no sonho é mau sinal. Sonhar

com pessoa de cor negra é bom, com padre, não. Sonhar com chuva de estrelas, então, é ótimo.

**Sucuri** Certa vez apareceram na Fazenda Amolar uns norte-americanos que, eu suponho, hoje, eram da New York Zoological Society, que administra o Zoológico de Nova York. Deixaram com meu pai uma grande quantidade de espingardas especiais, com seringas tranquilizantes na ponta. Delegaram a ele a missão de encontrar uma grande sucuri, para ser enviada aos Estados Unidos. Nunca voltaram e papai também não encontrou a cobra gigante. É impressionante, até aos dias atuais, o poder quase mítico deste maior réptil brasileiro sobre o inconsciente coletivo da população local. Todo mundo traz no imaginário alguma história envolvendo sucuris, que chegam a viver 30 anos e medir até 11 m de comprimento.



Dom Henrique Froelich, bispo de Diamantino, segurando uma pele seca de sucuri.



**T**

THERESE VON BEHR

**Tarumã** O mais belo exemplar de *Vitex polygama* em Diamantino sombreia o estacionamento do Hotel Imperial. Havia um outro pé de tarumã no lado direito da Igreja Matriz. Havia. Um solitário exemplar sobrevive no final da Rua Monsenhor Du Drenneuf, já perto do Ribeirão do Ouro. De floração azul, esta grande árvore produz um fruto escuro, comestível mas de sabor não muito agradável, apreciadíssimo por peixes como o pacu, entre outros. Todos os que gostam de pescar deveriam também pensar em alimentar os peixes, plantando, na beira dos rios, mudas de tarumã (que é de fácil reprodução) e de outras espécies frutíferas, de preferência nativas. Observe no mês de outubro umas árvores de grande porte, de flores roxas. São tarumãs. Plantei uns pés em Brasília, que frutificaram. Quando coloco na boca aquela fruta, um mundo de sensações inunda minhas memórias de infância. Não confundir esta árvore com a tarumarana (*Buchenaria tomentosa*), espécie também nativa na região e que tem um enorme potencial para uso no paisagismo, sendo ideal para estacionamentos. O mais belo exemplar de tarumarana (falsa tarumã) da cidade é o que está próximo da Loja Gazin. Que seja valorizada e protegida.

**Tempo dos padres** Quando pergunto a alguém que desejo saber algo que se passou nos meus tempos de criança na cidade, dizem para mim: “Fala com fulano, ele é do tempo dos padres!”. Realmente os padres jesuítas, insisto nesta tecla, foram importantíssimos para Diamantino, principalmente no plano educacional, através do internato Lar do Menor. Devo a eles minha educação. E fizeram um trabalho primoroso, de sacrifício e dedicação. É bom que se diga que nunca ouvi (criança grava tudo) nenhuma história de pedofilia ou outro tipo de abuso enquanto estive interno no Lar do Menor.

**Therese von Behr** Minha mãe nasceu em Vilna, capital da Lituânia, um dos países bálticos, em 1930, descendente de famílias polonesas e alemãs. Filha de Anton Severin de Römer e Anna, nascida Soltan. Passou a infância na propriedade da família, de origem nobre. Sua mãe foi uma renomada pintora polonesa, aquarelista, que fazia muito sucesso na Europa nos anos 1920 e 1930. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, a família foi repatriada para a Alemanha. Lá passou a guerra, numa pequena cidade da Baviera. Em 1948, migrou com a família para o Canadá e lá, em 1953, conheceu meu pai. Ele veio para o Brasil logo depois, convidado pela sua tia, a baronesa. Mamãe veio em seguida e se casaram em São Paulo no ano de 1956. Foram de lá para Uberaba, onde, em 1957, nasceu meu irmão mais velho, Miguel. No ano seguinte, chegaram à Fazenda São João, ela já grávida de mim. De São João nos mudamos para a Fazenda Amolar, comprada pela baronesa e administrada por meu pai. Dona Tereza, como era conhecida, cuidava da casa com grande afinco, plantou um belo jardim, cultivou uma grande horta e tinha fama de casamenteira: se algum trabalhador da fazenda se interessava por uma das moças que trabalhavam na

casa, ou vice-versa, mamãe logo dava um jeito de os casar, emprestando seu vestido de noiva que trouxera do Canadá. Para diminuir a angústia dos parentes na Alemanha e no Canadá, sempre preocupados com o bem-estar e a sobrevivência dos *von Behr* nos então selvagens sertões de Mato Grosso, ela fazia muitas fotos da fazenda e arredores. Por isso, a iconografia deste livro é tão rica! Entre os parentes europeus circulava uma história fantástica: minha mãe teria em Mato Grosso um enorme criadouro de cobras venenosas, vivendo da extração e venda das peçonhas desses animais! Em 1966, ela adoeceu gravemente, pegando malária e tifo, simultaneamente. Recebeu, das mãos do então padre e futuro bispo de Diamantino, Dom Henrique Froehlich, a extrema-unção, diante da seriedade do seu quadro clínico. Passou de ambulância na Fazenda Amolar e nós nos despedimos dela, sem saber detalhes da situação. Ficou hospitalizada em Cuiabá por 4 meses e se restabeleceu. Quando meu pai voltou de Cuiabá sozinho, ao chegar na fazenda as pessoas já davam a ele, espontaneamente, os pêsames. Minha mãe sempre foi uma pessoa de muita fé. Depois deste fato, os meus avós chegaram a pedir que eles voltassem para a Alemanha. Deu aulas de inglês no colégio das freiras de Rosário Oeste, exercendo a mesma função em Cuiabá nos cinco anos em que lá morou. Entusiasta da nossa mudança para Brasília em 1974, trabalhou durante vários anos como secretária na Embaixada da Áustria até se aposentar, em 1987. Publicou dois livros de pinturas (aquarelas) de plantas e aves do cerrado, participando até hoje de exposições. As ilustrações das palmeiras deste livro são de sua autoria.



Miguel, o autor e nossa mãe Therese von Behr. Dois filhos, dois buritis. Henrique veio depois.

**Ticão** Apelido de Wilson Pentecoste dos Santos, filho de Jovenino Beato dos Santos e Adélia Benedita dos Santos, nascido em Diamantino em 1968. Quando vereador da Câmara Municipal, da qual foi presidente, concedeu-me, em 2012, o título de *Cidadão Honorário de Diamantino*, do qual muito me orgulho. Ticão foi garimpeiro e político. De espírito inquieto, Wilson tem se dedicado a várias atividades agropecuárias.



**Touro negro** Bela lenda descrita por Adelino Dias da Silva, no livro *Fatos de Diamantino – Coisas do Passado*. Vou resumi-la. Certa vez um fazendeiro, com seus dois vaqueiros, estava campeando perto da Lagoa da Princesa, em Sete Lagoas. Viu por ali um grande touro negro, reluzente e mandou que os dois peões o laçassem. O boi saiu disparado em direção à lagoa encantada, puxando os dois vaqueiros e seus cavalos. Estes, com medo de serem arrastados para dentro do grande poço, cortaram os laços e o touro negro caiu na lagoa, desaparecendo em suas profundezas. Os vaqueiros pernoveram por ali mesmo e, para surpresa deles, quando acordaram pela manhã, encontraram, nas margens da lagoa, os dois laços, enrolados e prontos para o uso.

**Túnel** Na entrada da Fazenda São João, entre a BR 163 e a sede, existe um bellissimo túnel, com cerca de 1.000 metros de extensão, formado por pés de ingá (*Inga fagifolia*). Mais uma saudável “loucura” do Frederico Estermann. Seu filho Alexander me contou que o pai produziu aquelas mudas na própria fazenda. Alexander e seu irmão Peter as plantaram nas férias de julho de 1972. Verdadeiro túnel do tempo!





**U**

**URUMBAMBA**

**Urumbamba** Também conhecida como jacitara, cerca-onça ou vem-cá-meu-bem, cujo nome científico é *Desmoncus polyacanthos*, sendo uma espécie de palmeira-trepadeira. Isso mesmo, ela já nasce entouceirada, formando longos caules, flexíveis, com até 15 m de comprimento, bem finos, que vão subindo nas outras árvores, mas apenas nas matas fechadas. Essa verdadeira palmeira-cipó têm espinhos, inclusive nas folhas, e formam grandes emaranhados na copa das árvores. Ocorre em toda a floresta tropical úmida, do Acre até o Maranhão, chegando à região de Diamantino. O sertanejo desfolha e tira os espinhos da palmeira para fazer artesanato trançado, como balaios, cestos e até cadeiras. Os frutos, pequenos, vermelhos, são muito atraentes para a avifauna em geral.



**V**

VANNI LIMA (DILZA)

Na página anterior, a nossa querida professora Dilza Vanni Lima ao centro, segurando um caderno (1955).

**Viola-de-cocho** É um instrumento musical típico do Mato Grosso, podendo ser considerado “o alaúde pantaneiro”. Recebe este nome por ser confeccionada em tronco de madeira inteiriço, esculpido no formato de uma viola e escavado na parte que corresponde à caixa de ressonância. Esse instrumento é feito da mesma maneira como se produz um cocho, objeto lavrado em um tronco maciço de árvore, usado para colocar alimentos para animais. A

viola-de-cocho foi reconhecida como patrimônio imaterial brasileiro em 2004. As violas armam-se com quatro cordas de tripa de macaco e uma de metal. Atualmente, as cordas de tripa estão sendo substituídas por linhas de pescar. Segundo os violeiros, elas são bem inferiores às originais.



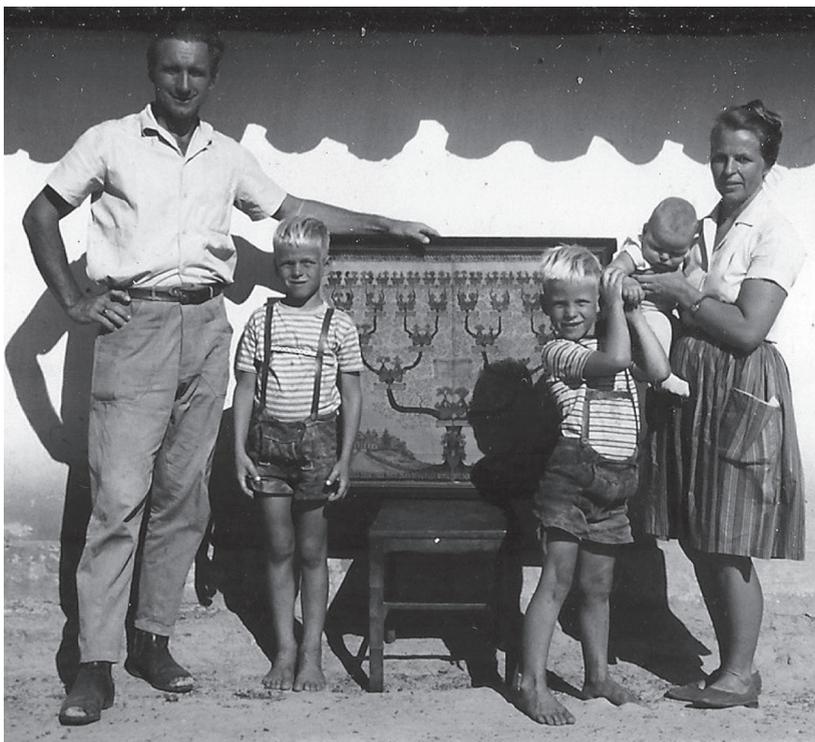


**W**

WALTER

**Walter von zur Mühlen** Também originário dos países bálticos, como meus pais, era o nosso querido Onkel (tio) Walter, como o chamávamos. Foi geólogo da Petrobras e todo ano nos visitava pois tinha uma propriedade perto de Diamantino, a Fazenda Aterrado, cortada pelo Ribeirão Amolar. O dono atual da fazenda é o príncipe Gundakar von Liechtenstein, primo do príncipe João von Thurn und Taxis. Sistemático, muito calado e metódico, “seu” Walter nunca se casou. Impacientemente tamborilava à mesa da casa da Fazenda Amolar, incomodado com o barulho que nós, crianças, fazíamos. Viajava de Fusca do Rio de Janeiro até Diamantino! Quando chegava em Amolar nos levava para adoráveis passeios no seu carro. Nos últimos anos de vida, já bem ruim da vista, era costume dos seus funcionários colocar sacos de algodão ou lençóis velhos nos colchetes de arame e porteiros das estradas internas da sua fazenda, para que parasse o seu velho jipe. Morreu cego, nos anos 1980, num asilo para alemães em São Paulo.

**What are you doing here?** Em 1965 uma equipe da Universidade da Califórnia, de Berkeley, nos Estados Unidos, passou pela Fazenda Amolar para escrever uma reportagem sobre Mato Grosso para a prestigiada revista *National Geographic*, que nunca foi publicada. Ao chegarem na fazenda encontraram minha mãe, que os recebeu falando em inglês. Espantados, perguntaram: “What are you doing here? (O que você está fazendo aqui?) Ela simplesmente respondeu: “I am living!” (Estou vivendo!).



Fotografia de família realizada pela equipe da revista National Geographic (1965). Eu e meu irmão Miguel (à esquerda, junto ao meu pai) usávamos as famosas “lederhosen” (literalmente, calças de couro, em alemão), típicas da Baviera, Alemanha.





**X**

XIBIU

**Xibiu** Denominação que se dá a um tipo de diamante pequeno, escuro, sem valor comercial como jóia, mas muito utilizado para cortar vidros e perfurar rochas. O vocábulo xibiu provavelmente é de origem africana, sendo também grafado como xibio. “Pegou algum diamante, compadre? Nada. Só xibiu”.



**Z**

ZORO MARÁ

**Zoro Mará** (João) Índio paresi que virou telegrafista, guarda-fio e foi amigo de Rondon. Nasceu em 1912, na Lagoa Rasa, entre as estações Parecis e Ponte de Pedra. Estudou com os padres jesuítas no internato de Utiariti e lutou até o fim pelo reconhecimento da área da Estação Telegráfica Parecis como área indígena. Faleceu em Diamantino em 1991 e está enterrado no cemitério da cidade.

...the ...



Anatol (*in memoriam*), Henrique,  
Therese, Nicolas e Miguel, em 2013.  
*Foto: Alcina Ramalho von Behr*



PAPEL Offset 90g/m<sup>2</sup>

FONTE Capitolina (*Typefolio Digital Foundry*)

IMPRESSÃO Teixeira Gráfica e Editora

TIRAGEM 1.000 exemplares